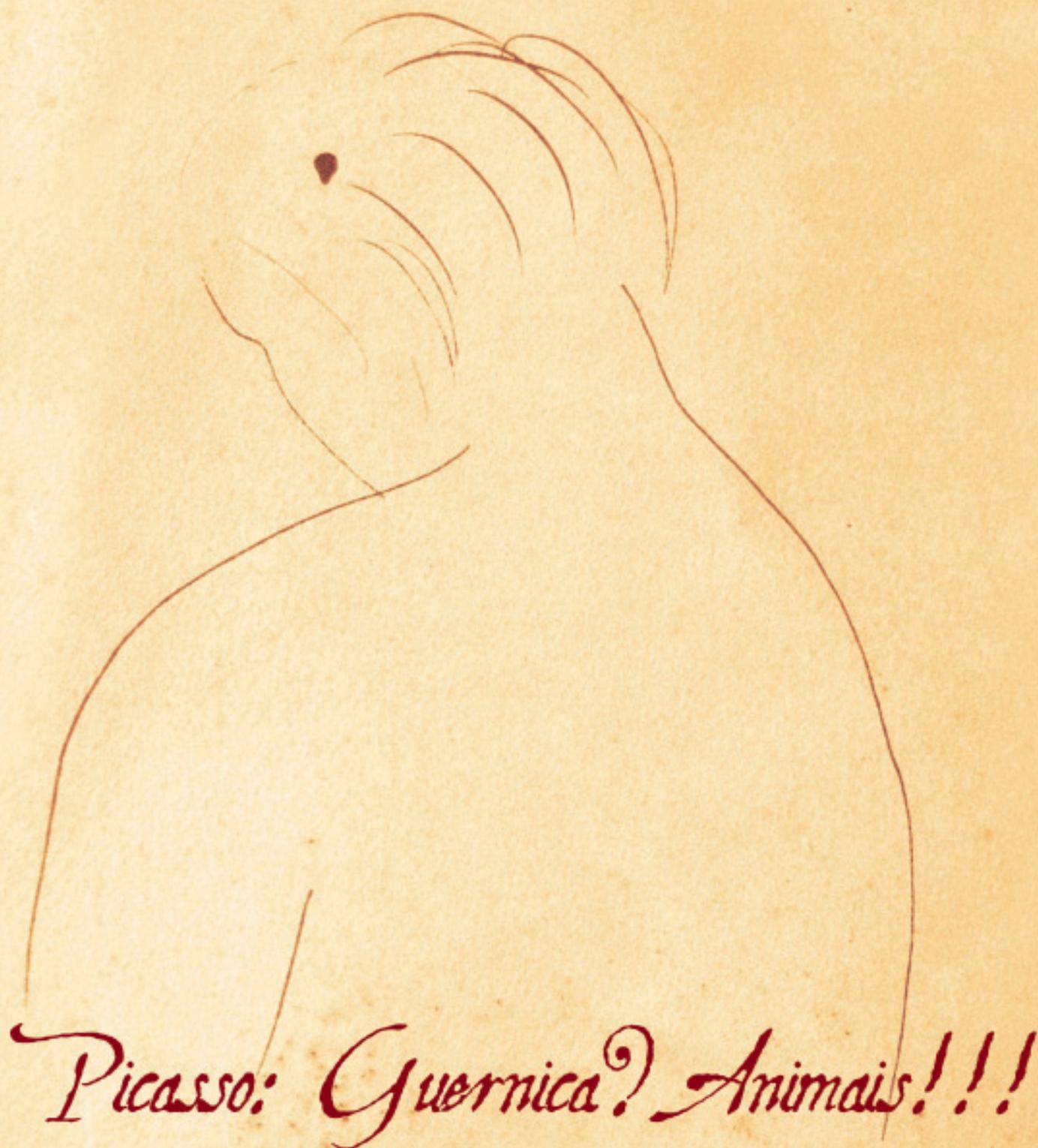


Esta edição é dedicada aos provocadores, mobilizadores do inesperado. E ao livro, o maior deles.

iátrico

Abril a Julho - 2007 | nº 20



Picasso: Guernica? Animais!!!

7/2/07

Índice

- 5** Paulo Francis
Provocador nato
- 9** O pensamento criativo
Da concepção à criação
- 11** Cartas a um jovem médico
A experiência do Dr. Jatene
- 14** O médico e a coerência
Virtudes e valores
- 16** Iátrica maior
O grande descontente
- 24** Guernica e Choro de mulher
Do chocar para refletir?
- 29** Professor Lysandro
Lições do saber e do fazer
- 36** Grafiteiros e pichadores
Provocação ou encheção?
- 45** Razões de Viver
Em busca do sentido!

BISTURI DE OURO

O médico Celso Araújo esclarece que foi o Dr. Eurico Branco Ribeiro, representando a Fundação São Lucas (Acta Cirúrgica Brasileira), quem promoveu a entrega da Medalha do Mérito Ciúrgico - ou o Bisturi de Ouro - ao Prof. Mario Braga de Abreu. O reparo prende-se a informação contida em legenda da foto histórica de 1964, publicada na revista Iátrico n.º 19, do primeiro trimestre.

Esta edição é dedicada aos provocadores, mobilizadores do inesperado. E ao livro, o maior deles.

A CAPA

A obra a que o Iátrico teve acesso, de um colecionador particular, mostra poucos traços de um gênio, Picasso. Traços que na sua simplicidade dizem o todo de uma mulher desnuda, de vestes e espírito. Revelada na aparência e no íntimo, vazia de significado, desamparada de sentimentos. Resta a maioridade do enfeite, que sobressai numa cabeça que se oculta do horizonte da vida. Que não tem perspectiva, só finitude. E que ainda assim faz pulsar a possibilidade. Lampejo de um provocador.



O Editor

EDIÇÕES ANTERIORES

Confira as edições do Iátrico no site do CRM-PR: www.crmpr.org.br

Ensaio fotográfico

O ensaio que acompanha esta edição foi realizado pelo fotógrafo Pantone Filho, ao qual agradecemos o profissionalismo e sensibilidade.

iátrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ.

Edição n.º 20 - Abril a Julho de 2007

CRM-PR - Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | E-mail: iatrico@crmpr.org.br Conselho Editorial: João Manuel Cardoso Martins, Gerson Zafalon Martins (presidente do CRM-PR), Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hécio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira. Editor-Coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Prof. da PUCPR e membro da Academia Paranaense de Medicina) Projeto Gráfico e Diagramação: Upper Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Serzegraf (41 3026-9460) | Tiragem: 20.000 exemplares

látrica aos leitores: sobre provocadores



Provocadores intelectuais não nos ensinam, cutucam. Nos estimulam à busca, à reflexão, fazem com que tentemos ser melhores do que somos.

Você, dileto leitor, já deve ter transitado por uma dessas vias expressas americanas ou européias e se deslumbrado com sua qualidade. Que qualidade? No geral, só segurança e rapidez. Raramente uma visão maravilhosa. Muito bem, saia delas e vá pelas vicinais, outrora estradas nacionais, e encontrará coisas surpreendentes. De quando em quando, uma *mirabile visu*. Uma provocação aos sentidos.

O provocador é essa figura que não se importa com as estradas principais, habita e transita pelas vias vicinais; e você perguntaria: onde a eficácia? Nas suas visões próprias. Vê o que os outros não vêem, observa o avesso, foge do

senso comum que é, na verdade, uma catástrofe intelectual. O nosso cotidiano está pleno de verdades e realidades inalcançáveis pelo senso comum. O senso comum é um bisturi novo e afiado que vai operando e... mata o paciente. Embora no dia-a-dia, no contato com os outros, precisemos dele, devemos ter a tarefa de fugir do mesmo o mais depressa possível se quisermos ver o insuspeito, observar o incomum. Esse é o método dos provocadores, que o associam sempre à peculiaridade de sua personalidade.

Peguemos o falecido cronista Rubem Braga. Sua obra persiste, e você vai dizer, nada mais comum! É aí que você se engana. Rubem não inventou a crônica, mas a colocou num patamar muito mais elevado. Nos provoca pela excelsa escritura. Detenha-se a ler as crônicas de *Ai de ti, Copacabana*, e comece pela do mesmo título. São quase cinquenta os anos que nos afastam da mesma, e independente de ser premonitória do que está acontecendo com o bairro que leva o nome de uma Nossa Senhora boliviana, a urdidura de sua construção é maravilhosa. Rubem nos pega pela limpidez, clareza, lirismo e profundidade humana de seus textos, e pela linguagem. Mesmo quando usa vocábulos incomuns chega-se à conclusão que era aquele, e só aquele, que deveria ser usado. Quer algo mais prosaico? Ninguém usou e, arrisco dizer, nunca usará o ponto-e-vírgula com a propriedade do velho e grande "sabiá".

Que gostosura suas crônicas; que vontade de fazer igual; que construções imprevistas e líricas sem ser melífluas; que ceticismo harmonizado aos sentimentos comuns para nos envolver e fazer refletir. Daí ser um provocador. Sabemos de antemão que não alcançaremos sua arte e, em vez de a

invejarmos, a acolhemos como se dela participássemos. Somos seus cúmplices.

Nesse mesmo livro, há uma crônica que deveria ser lida por qualquer pretense escritor. Título: A Palavra. Nela adverte que esse ofício é o de viver em voz alta. Por isso, às vezes notava uma hostilidade surda, uma reticência de mágoas, nos novos conhecidos. Outras vezes, o consolo de saber que também por acaso ajudou alguém a se reconciliar consigo mesmo ou com a sua vida de cada dia; a sonhar um pouco, a sentir vontade de fazer alguma coisa boa. E já que é para dar exemplo da gangorra em que vive o escritor, vejamos um momento alto: “Agora sei que outro dia eu disse uma palavra que fez bem a alguém. Nunca saberei que palavra foi; deve ter sido alguma frase espontânea e distraída que eu disse com naturalidade porque senti no momento – e depois esqueci”. Isto é, jogam-se as palavras ao mundo, e este as aproveita a seu bel-prazer. Poderia ter dito: minha profissão é humildade. Mas a que tonifica, a que cria choques de reconhecimento. E no caso de Rubem, o conjunto de suas crônicas têm o valor da obra-prima.

Claro que o dileto leitor reparou que estou fazendo uma

homenagem, a um provocador manso. Há os inquietos, os que aguilhoam. Millôr e Francis, dois deles.

Millôr que como estilo tem o do escritor sem estilo. Esta autodefinição não é uma frase de efeito, sintetiza o que ele é. Mesmo quando escreve sobre a maior banalidade – e é centrado nas “banalidades” do cotidiano que faz seus textos – ou cria suas boutades, não consegue usar um único clichê, um lugar-comum, e faz disso uma arma para combater o que é medíocre, mítico ou falso.

E Francis, bem... meu caro, leia o artigo que o perfiliza.

E não esqueça na seção *Galeria* de ler e ver o provocador-mor, o globalizado Picasso.

Assim é este número do *Iátrico*; quer mostrar diferentes maneiras de você ser provocado e, por isso, traz não só famosos, mas muitos colaboradores que são pessoas comuns, médicos ou não, com um ponto incomum, o talento. Tenho certeza, dileto leitor, que irão provocá-lo. Assim seja. ●

“O NOSSO COTIDIANO ESTÁ
PLENO DE VERDADES E
REALIDADES INALCANÇÁVEIS
PELO SENSO COMUM.
O SENSO COMUM É UM
BISTURI NOVO E AFIADO
QUE VAI OPERANDO E...
MATA O PACIENTE.”

DO CADERNO VERDE I

Ser humano consiste na vocação de compartilhar com todos o que já sabemos, ensinando os recém-chegados ao grupo o que devem conhecer para se tornar socialmente válidos.

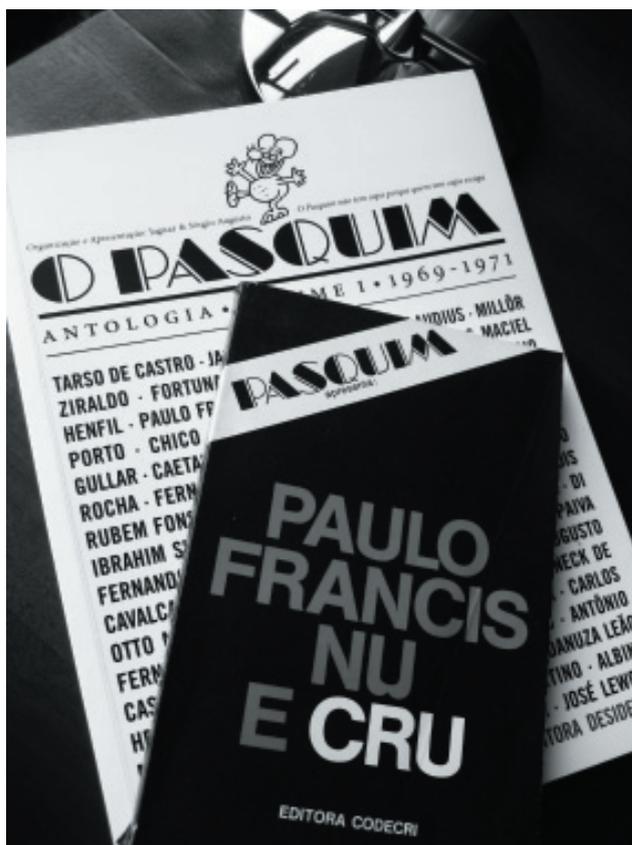
Ensinar é sempre ensinar ao que não sabe; e quem não indaga, constata e deplora a ignorância alheia não pode ser professor, por mais que saiba.

Fernando Savater,
filósofo e escritor.

Os antropóides imitam, ocasionalmente. Já os filhotes humanos são submetidos à imitação forçada. São compelidos forçosamente, diria intencionalmente, em função da constatação da ignorância. Sem esta não há aprendizado. Ou como diria Jerome Bruner: “Se não há atribuição de ignorância, também não há esforço para ensinar”. E para aprender.

Francis

“I’m contradictory,
I contain multitudes”



Imagine alguém capaz de vociferar palavrões ao presidente da república e incapaz de falar mal de quem acabou de conhecer; de destrinçar Heidegger em uma coluna de jornal e paralisado em face de uma mala por fazer. Isto serve de síntese ao célebre jornalista brasileiro, e daí a contradição da epígrafe cunhada pelo Walt Whitman.

Polêmico, irascível e arrogante, era um *“curmudgeon”* no dizer do ensaísta Sérgio Augusto. A palavra inglesa dá conta daqueles que não têm papas na língua, que são desabridos e ferinos ao falar e, principalmente, ao escrever. Por isso, ao encontro de seus textos, o leitor não tinha saída: era ame-o ou deixe-o. Ou pelo menos era assim que eu via seus leitores, embora comigo fosse um pouco diferente.

Para usar outra expressão inglesa, tão ao seu gosto, me

evocava *“mixed feelings”*. Mas uma ambivalência benfazeja. Explico-me. Certo sábado, quando escrevia suas colunas na Folha de S. Paulo, e ao falar sobre tabagismo, discordei em quase tudo, mas o li até o fim. Esse o grande mérito. Tinha um texto cheio de possibilidades, mesmo quando discordávamos dele.

Era aquele provocador que mexia com nossas entranhas, fosse para ir a uma Britânica checar sua veracidade, fosse para tentar arrumar argumentos contrários. Ou seja, comigo produzia um debate intelectual silencioso, solitário e produtivo, quando procurava desbastar todos os seus excessos, impropriedades e maledicências, e retinha todas as coisas boas, introjetando idéias diferentes, que se tornavam minhas na medida em que as conferia num original, geralmente livro. Quando não o tinha, e era freqüente pois Francis lia muito, anotava para futura inspeção. Só com essa busca e verificação podemos ter convicção de fatos e idéias. Isto é, ao obtermos uma informação ou idéia ou conceito, devemos passá-los pelo espírito crítico, e isso só se faz se houver uma parte de verificação e de análise lógica, após o que podemos assimilá-los, torná-los nosso.

Por isso me faz uma falta danada. Nenhum jornalista de hoje me toca dessa maneira. Ninguém me leva, hoje, a conferir fatos ou testar hipóteses contrárias, é tudo morno. Claro que temos grandes jornalistas que lidam bem e corretamente com fatos e fontes, reportam bem, mas me pergunto: quem hoje, ao reportar o que as pessoas dizem, estão mais preocupados com o que elas pensam? Quem tem esse grau de efervescência e provocação? Parece mero detalhe mas não é. Basta você, dileto leitor, ler o livro A

Sangue Frio do Truman Capote, na excelente tradução do Ivan Lessa, e saberá o que estou tentando lhe dizer. Ou, se quiser ficar mais estimulado, veja o filme “*Capote*” e depois leia o livro.

A isso se tentou chamar “novo jornalismo”. Fato e ficção juntos, atos e personagens dissecados. Dar uma dimensão humana aos fatos. E é isso que Francis, mesmo sem querer, e às vezes errando muito, fazia no jornalismo cultural.

Francis traduzia o que deva ser o verdadeiro papel do intelectual, o ser anticlichê, que prospecta o avesso do que é apresentado, que passeia pelo imprevisito, que não dá as mãos à pasteurização do saber, embora, às vezes devido a sua falta de sistematização, a sua condição de autodidata, o fizesse com algum grau de idiosincrasia. Ao contrário de alguns acadêmicos que sistematizam demais mas não põem alma em seus textos.

Claro que também foi prejudicial, sem o querer. Principalmente para jovens jornalistas que pensavam em vir-a-ser um Francis, em ter o seu talento sem incorporar os anos de boa leitura crítica e, sobretudo, de crítica de leitura. E de observação de comportamento. É isso, observava como um médico, clinicamente. Daí a riqueza de alguns de seus textos, inimitáveis.

Com um enorme ego, era vidrado em pessoas, famosas ou não, e por uma particularidade: era tímido. Restava-lhe observar e ler. Não era um homem de ação, e sim de reflexão. Que despejava sem aparar os excessos. Não havia meio-termo. Tudo ou nada. Tinha uma certa indolência em revisar seus textos. Em seguir o conselho de Hemingway, no qual acreditava, que para fazer um bom texto é preciso cortar, cortar, cortar.

Como disse Sartre, introspecção é retrospectão. Se analisava os outros com propriedade, falhava na autoanálise. Por isso se expunha em demasia, dando muita munição aos

desafetos, alguns chegando ao destempero (vide a calhordice de Fernando Jorge em *Vida e obra do plagiário Paulo Francis*).

Sua tão temida agressividade se transmutava em passividade quando conhecia as pessoas. Passava a ter dificuldade para criticá-las. Mostrando que, no fundo, era blandícia em pessoa, e que sua agressividade era mera defesa. Não à toa, amava gatos, tinha três.

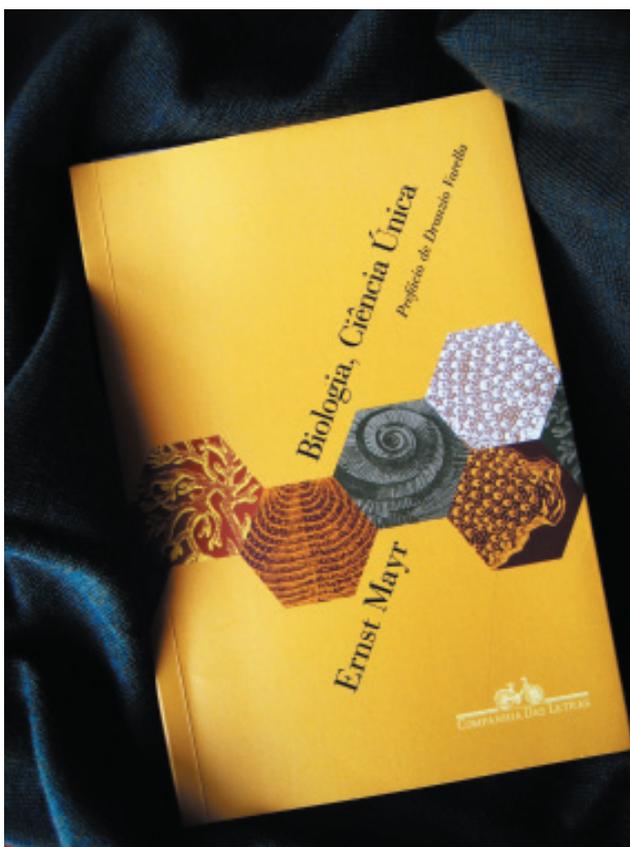
Foi também um performático. Como comentarista da Globo ou no programa de cabo Manhattan Connection, exerceu sempre seu espírito crítico, contraditório e desafiante, com uma pose que exercida por qualquer outro seria de uma canastrice atentadora. Em si não, os esgarres e meneios davam o contorno exato à crítica ou ao elogio. Demarcavam com propriedade o assunto ou personagem. Na verdade, criou uma persona, talvez baseada na sua experiência como ator e diretor de teatro. E, por isso, virou persona-

gem humorístico, com o qual se deliciava. Sabia-se humorista sem sê-lo. Enfim, a performance, no texto ou no vídeo, era sua marca registrada, impossível de ser herdada ou copiada sem resvalar para o caricatural. Era único.

Provocado por Francis sempre procurei fazer o dever de casa; desidratar seus artigos, conferir seus conceitos, rebater idéias, me apropriar do sentido. E, por isso, me faz falta, mesmo depois de 10 anos de sua ausência. Aqueles que não o fizeram nada perderam, e podem apregoar sua insignificância. Insignificância que, na verdade, está estampada nos cadernos culturais atuais. Waal!!! ●

“FRANCIS TRADUZIA O QUE DEVA SER O VERDADEIRO PAPEL DO INTELLECTUAL, O SER ANTICLICHÊ, QUE PROSPECTA O AVESSO DO QUE É APRESENTADO, QUE PASSEIA PELO IMPREVISTO, QUE NÃO DÁ AS MÃOS À PASTEURIZAÇÃO DO SABER, EMBORA, ÀS VEZES DEVIDO A SUA FALTA DE SISTEMATIZAÇÃO, A SUA CONDIÇÃO DE AUTODIDATA, O FIZESSE COM ALGUM GRAU DE IDIOSINCRASIA.”

A ciência, os “provocadores intelectuais” e o não



A produção do conhecimento novo é fundamental para que um país consiga se manter em níveis competitivos. O reconhecimento deste fato tem feito com que a educação para formação de cientistas tenha recebido mais recursos e um novo estímulo por parte de estruturas governamentais em nosso meio. Na atualidade existe formação de um número recorde de doutores mas a existência da ciência mais prática, ou seja, aquela ciência que é capaz de se transportar dos laboratórios para a vida real do cidadão comum, ainda é muito precária.

Capacitar indivíduos para que se tornem cientistas é algo que deve vir do ensino fundamental. Embora estes possam ser formados nas diferentes etapas da vida, é na juventude que hábitos saudáveis de questionamento e de experi-

mentação do novo são aprendidos com maior prontidão. É também nesta fase que mais facilmente se cria capacidade de tolerância para com resultados negativos sem que isto gere desistência e desânimo.

Obviamente, a nossa educação é precária. A precariedade de recursos econômicos é uma das explicações mais fáceis para o fato, mas, com certeza, não é a única. Na verdade, faltam professores que, independente da quantidade de recursos materiais disponíveis, consigam inculcar na criança, no futuro cientista, o sentimento de ousar e de confiar no próprio julgamento e nas próprias capacidades, mesmo que estas não se mostrem apropriadas numa primeira instância. Faltam provocadores intelectuais.

Naturalmente existem exceções à regra e observamos entre nós alguns pais e professores ótimos, capazes de estimular em seus filhos e estudantes vontade de aprender, de evoluir, capacidade de raciocinar e de resolver problemas. Mas, mesmo pensando nestas exceções, quantos deles ensinam os seus alunos a estabelecer linhas próprias de raciocínio e a acreditar nelas, mesmo que estas sejam discordantes das próprias idéias? Quantos deles encaram o Não como uma resposta desejável? Quantos toleram o desacordo de pensamentos dentro da análise de seus próprios conceitos ou até mesmo estimulam a formação de saberes dissidentes?

É através da liberdade de idéias e de princípios que se cria a coragem intelectual. Segundo G. Bachelard, o progresso do pensamento científico é adquirido de forma descontínua, sendo a ruptura com o saber anterior fundamentalmente necessária, num corte epistemológico que promove uma purificação do pré-saber existente. Este autor convoca a “filosofia do não” como o elemento

marcante para a dialética do conhecimento. Os professores capazes de levar o aluno a pensar e a dizer não aos conhecimentos preestabelecidos, seriam os verdadeiros provocadores intelectuais, os verdadeiros formadores de novos cientistas... Para que consigam isto é necessário que logrem centralizar seu ensino na capacidade de formulação de novas perguntas mais do que no entendimento das respostas já existentes. Devem saber valorizar o obstáculo e, sobretudo, o erro. O erro, sendo o mais completo Não às idéias vigentes, é a maneira mais vigorosa de mostrar as

possibilidades alternativas para a solução de um problema. Portanto, ensinar a tolerar e a trabalhar o erro buscando a sua superação é a grande tarefa para o provocador intelectual.

A formação de bons pesquisadores e de cientistas passa pela criação de pessoas com caráter inovador, que se lancem ao desconhecido. Pessoas que digam Não a idéias anteriores sem temer o erro, sabendo que este é apenas uma forma de reorientação no caminho em busca da verdade.

Dr^a. Thelma L. Skare (PR).

MEMES

Macroglossia por infiltração difusa da língua pode ser um aspecto da amiloidose primária; por vezes é tão acentuada que interfere com a fala, mastigação e deglutição.

A mialgia dos processos infecciosos é de início agudo, acompanhando sinais e sintomas da infecção, desaparecendo com o seu tratamento, ou remitindo quando a doença é autolimitada.

Cuidado com os finais de semana regados a muito álcool e fibratos, ainda mais se estatinas estiverem associadas, podem provocar miopatia aguda com dor e sensibilidade muscular, fraqueza variável e elevação de enzimas musculares.

A rinorréia cerebrospinal é o extravasamento de líquido pelo nariz e se manifesta por secreção nasal aquosa, transparente, que aumenta na posição em pé, com esforço físico e com a tosse e na qual se demonstra a presença de glicose; a causa mais comum é o traumatismo craniano com fratura da base envolvendo uma das fossas anteriores.

Rinorréia gustatória é a secreção nasal aquosa associada com estímulo do sentido do paladar.

Carcinoma metastático é causa mais comum de obstrução do intestino delgado do que tumores primários; essas obstruções por câncer metas-

tático são freqüentemente múltiplas.

No tratamento do coração pulmonar (cor pulmonale) devemos nos concentrar a tratar a doença pulmonar e não diretamente a insuficiência cardíaca. Deve-se evitar digitálicos a não ser que haja simultaneidade de uma disfunção sistólica ventricular esquerda ou uma taquicardia supraventricular.

A propósito do filme *Quase Deuses: os enfermos com Tetralogia de Fallot podem viver até a idade adulta e, a despeito disso, ser objeto de reparação cirúrgica total com êxito porque a obstrução da via de saída pulmonar protege a vascularização pulmonar. Já na síndrome de Eisenmenger predominam os sinais de hipertensão pulmonar.*

A maioria dos empiemas subdurais é secundária à extensão local de sinusites; enquanto otites médias e mastoidites são causas menos comuns.

Neurinoma do acústico é um tumor que se desenvolve a partir da divisão vestibular do oitavo par craniano. A divisão acústica, no entanto, é mais prejudicada do que a divisão vestibular, explicando a tendência desse tumor se apresentar com perda de audição unilateral, sem tontura ou vertigem. Perda de audição unilateral de causa desconhecida incentiva sempre a busca desse tumor.

O pensamento criativo: da concepção à criação



A construção de uma idéia criativa compreende complexos sistemas de propagação de impulsos nervosos. Afinal, pensar todo mundo pensa, mas poucos conseguem pensar de maneira produtiva. Para procurar entender como isso se processa, me pareceu lógico recorrer aos relatos dos próprios grandes pensadores. Reuni aqui alguns deles. Veja, por exemplo, o que dizia o russo Igor Stravinsky, “o poeta da música”: “A invenção pressupõe imaginação, mas não deve ser confundida com ela. O ato de inventar implica a necessidade de uma descoberta feliz e da plena compreensão dessa descoberta. O que imaginamos não assume necessariamente uma forma concreta e pode ficar num estado virtual, ao passo que a invenção é inconcebível separada de sua concretude. Portanto, o que nos interessa aqui não é a

“É PELA LÓGICA QUE CRIAMOS, MAS É PELA INTUIÇÃO QUE DESCOBRIMOS, INVARIAVELMENTE”.

imaginação em si, mas a imaginação criativa: a faculdade que nos ajuda passar do plano da concepção para o plano da realização”. A primeira impressão que me salta aqui é que na “despensa” das mentes produtivas existem muito mais ingredientes, e que alguns deles são até exoticamente combinados. As mentes produtivas sentem “fortes sensações”, que é de onde tudo se inicia. Um desejo inexplicável, como disse Igor Stravinsky, “uma apreensão intuitiva de uma entidade desconhecida, já em meu poder, mas ainda inelegível”.

Em certa ocasião, Einstein escreveu a uma pessoa; “Não se preocupe com suas dificuldades em matemática. Posso lhe assegurar que as minhas são maiores ainda”. Consta que Einstein muitas vezes precisou da colaboração de matemática de seus colegas para avançar seus trabalhos. Por outro lado, Einstein revelou a seu colega Jacques Hadamar: “As palavras da língua, à medida que são escritas ou faladas, não parecem desempenhar papel algum em minha forma de pensar. As entidades psíquicas que parecem servir de elementos do meu pensamento são certos signos e imagens mais ou menos claros que podem ser voluntariamente reproduzidos ou combinados”. Segundo o próprio Einstein, seu “senso de direção” era “difícil de expressar”.

Portanto, “fortes sensações”, emoções ou imagens (até fantasiosas) fazem sentido nas mentes produtivas, mas é algo mais sentido do que definido. É algo parecido com a sensação que melhor sentimos do que definimos aos acordes da 5ª Sinfonia de Beethoven.

Nenhum cientista pensa com fórmulas. Para Cyril Stanley Smith, do Massachusetts Institute of Technology, “o estágio da descoberta inicia-se de forma sensual, e a matemática só é necessária para poder comunicá-la a outras pessoas”. Como se nota, a matemática (ou qualquer outra ferramenta metodológica que se adote), é um processo secundário e subordinado, pois ela não representa necessariamente o conteúdo da compreensão intuitiva.

Vê-se, pois, que para pensar criativamente é preciso sentir antes. De uma forma ou de outra, tanto os cientistas quanto os artistas sentem o caminho que conduz as suas idéias lógicas ou artísticas, e qualquer que seja o pensamento criativo, ele nasce da intuição e da emoção. Como disse Picasso, “todas as artes são a mesma: você pode escrever um quadro com palavras, assim como pode pintar sensações num poema”.

Nossas sensações e emoções (intuições) constituem a origem e as bases para o pensamento racional e criativo. Mas para sua concretização, contudo, é preciso conhecer o caminho da lógica.

Henri Poincaré, contemporâneo de Einstein e um dos maiores matemáticos do final do século XIX escreveu: “É pela lógica que provamos, mas é pela intuição que descobrimos. A lógica nos auxilia a evitar obstáculos, sem contudo conduzir ao caminho desejado. Para isso é necessário ver o fim desejado à distância, pela intuição”.

Assim, para a concretização de um pensamento criativo, invariavelmente a lógica e a intuição devem andar juntas.

Pensar todo mundo pensa. Alguns, com boa faculdade intuitiva, mas poucas ferramentas de lógica, e vice-versa. Indivíduos assim, quando combinam a intuição de um com as ferramentas lógicas de outro, podem produzir grandes conhecimentos, como de fato já testemunhamos na Medicina, na Física, na Biologia, na Química etc. Mas quando ambas faculdades estão presentes de modo vigoroso num único indivíduo, que pensa, mas criativamente, temos um gênio, um indivíduo de extraordinária potência intelectual.

Isaac Newton, por exemplo, escreveu (concretizou) mais de 400 teses (idéias) em apenas 18 meses. Quem já pôde apreciá-las, definitivamente conclui tratar-se de uma mente notavelmente produtiva, de elevada capacidade intuitiva e extraordinária faculdade lógica.

O ato de pensar nos garante a existência, como disse Shakespeare. Mas agora acredito que o ato de pensar criativamente nos garante a eternidade.

Celso Luiz Prevedello (PR).

“...PARA PENSAR CRIATIVAMENTE É PRECISO SENTIR ANTES. DE UMA FORMA OU DE OUTRA, TANTO OS CIENTISTAS QUANTO OS ARTISTAS SENTEM O CAMINHO QUE CONDUZ AS SUAS IDÉIAS LÓGICAS OU ARTÍSTICAS, E QUALQUER QUE SEJA O PENSAMENTO CRIATIVO, ELE NASCE DA INTUIÇÃO E DA EMOÇÃO.”

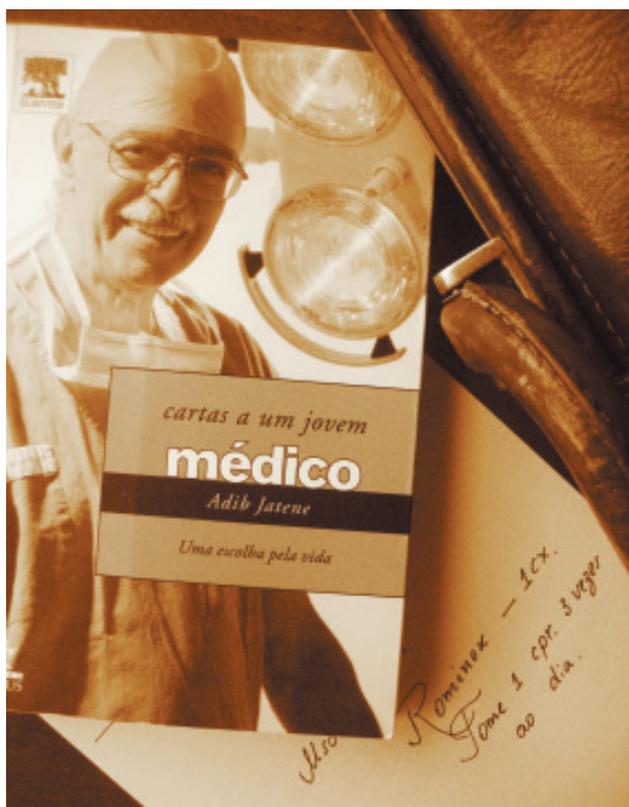
DO CADERNO VERDE II

“Quereis só o que podeis e sereis onipotentes”

Pe. Antonio Vieira.

Vieira sabia que a riqueza está na parcimônia. Quanto menos desejos, mais ricos. Sem abrir mão dos mesmos que são também a fonte do progresso e das possibilidades. É a tal virtude do meio, o querido equilíbrio.

Cartas a um jovem médico



O Dr. Adib Jatene é um liso. Digo-o no bom sentido. Em *Cartas a um Jovem Médico* (série da editora Campus, hoje subsidiária da internacional Elsevier, com vários autores e várias profissões), consegue deslizar sobre delicados assuntos da profissão sem se picar, como convém a um bom cirurgião. E isso, que poderia ser comprometedor não o é. Ao contrário, o faz com propriedade, usando os seus mais de 50 anos de atividade, pontuando sua formação profissional e o exercício da mesma com a evolução da Medicina, e oferecendo aqui e ali preciosas achegas aos médicos que ora iniciam esta escolha pela vida. E não pensem que fuja aos assuntos mais delicados. Desde o que deva ser uma boa indicação cirúrgica à famigerada CPMF, que tanto lutou para ver aprovada pelo Congresso e que, depois, tanto o decepcionou – o que era transitório virou definitivo, e o que era para a saúde serve

para tudo, e apenas um pouco para a saúde —, está tudo lá, com lógica irretorquível. E melhor, com simplicidade.

Já na introdução adverte que o médico já não é o profissional de grande destaque na sociedade, com perspectiva de independência financeira a curto prazo. Porque a chamada livre escolha foi implodida com novas formas de intermediação, onde a ética sofreu derrota para uma equação puramente econômico-financeira. E a intermediação institucional, gerencial, estatal ou privada, entre médicos e pacientes, é que dá as cartas. E prejudica o vínculo, a confiança e a responsabilidade, entre quem presta e quem recebe o atendimento. O jovem médico transformase, pois, no assalariado malremunerado e, por isso, com múltiplos empregos. Cansado e sem tempo, não se atualiza e se desespera com sua qualidade de vida. Não raro, desiludido, escapa por caminhos tortuosos. Então, enfraquece-se a grande peculiaridade da profissão que se estriba no idealismo de não trair a confiança, de buscar o melhor para seu paciente, se necessário com sacrifício pessoal de legítimos direitos seus. Sabemos que quando a ética sofre, reduz-se a solidariedade.

Adverte também o jovem médico para outro fenômeno: na Medicina não ocorreu o chamado desemprego estrutural. Ao contrário, o avanço científico e técnico colaborou para a criação de novas oportunidades de emprego, tornando nossa atividade multiprofissional e multidisciplinar nas últimas décadas. E aí o risco: o de poder se transformar o médico em um técnico. Seria oportuno lembrar que o médico cuida de doentes, e o técnico de doenças. Esta dissociação da doença e do doente é o grande prejuízo que o avanço científico e tecnológico acabou causando. Este tem uma ética mais mercadológica e acumulativa, ao invés da ética médica

que visa sempre beneficiar o paciente. Em função disso chega à conclusão: quando o patrimônio acumulado e a posição social conquistada são mais importantes que o reconhecimento dos pacientes e colegas de profissão é sinal de que algo está errado.

Não deixa de vociferar contra a abertura de novas escolas médicas baseadas no oportunismo político e no lucro, sem que possuam ambulatórios, hospital ou serviço de emergência com um volume suficiente de casos capazes de permitir a exposição do aluno às várias situações indispensáveis para adquirir a qualificação tanto para operar como para atender e diagnosticar de maneira correta, sendo o ensino predominantemente teórico. E sinaliza: a Medicina não é uma ciência teórica, é prática. Para uma boa formação é necessária vasta experiência tanto ambulatorial como de emergência e hospitalar.

Aponta a humildade intelectual como um traço indispensável no caráter do médico. E afirma que a maneira como um médico chega em uma localidade ou em um serviço é que vai determinar seu grau de aceitação. Às vezes o jovem médico pode estar mais atualizado, mas os mais antigos têm a seu favor mais experiência e a confiança dos pacientes, o que conta bastante. É necessário ter a clareza de que a inclusão, o respeito e, principalmente, o prestígio por parte dos colegas e da comunidade são conquistas que só chegam por meio do tempo. E mais do que competência, é necessária muita sensibilidade. E conta um caso seu quando trabalhou em Uberaba.

Logo que chegou à cidade, atendeu uma paciente com linfonodomegalia cervical. A primeira providência foi a exérese de um dos gânglios, sendo o material remetido a São Paulo. Resultado: Hodgkin. Na época o tratamento era com injeções de mostarda nitrogenada. E assim foi iniciado. Dias depois a paciente voltou dizendo que tinha consultado o doutor Fulano de Tal, e que ele dissera que Jatene estava errado. Este respondeu que iria falar com o médico. Pediu a um colega mais antigo na cidade que promovesse a

aproximação. Frente ao tal doutor, disse que sabia o que havia dito a seu respeito, e calmamente mostrou o resultado do exame laboratorial, justificando sua conduta. Resumo da ópera: tal médico acabou sendo um dos seus melhores amigos no local. Se tivesse dito que o colega estava desatualizado, a paciente certamente iria voltar àquele médico e Jatene ganharia um inimigo. E ninguém lucraria com isso, nem o doutor mais antigo, nem Jatene, muito menos a paciente. Em tempo: quando um médico fala mal do outro, perdem os dois, perde a Medicina.

Em a formação do médico, discorre sobre o efeito *Flexner* no início do século XX nos USA, quando o mesmo que nem médico era, propôs o fechamento de grande número de escolas médicas e defendeu um currículo prevalente até hoje. E pontua o que de essencial deveria haver na formação profissional e como o médico deveria ser remunerado. E não tem receio de afirmar: se o médico trabalhar pouco e ganhar bem, não é bom para ele. É bom para o paciente que vai precisar dele, porque poderá contar com um profissional atualizado e com tempo para se dedicar ao seu caso com afinco. Ao contrário do cenário atual em que o médico está sempre cansado e frequentemente desatualizado. Para se ter uma idéia da proletarização profissional basta lembrar que na época do INAMPS (até 1990), o médico recebia da previdência por consulta o equivalente a 6 unidades, e cada unidade representava 1% do salário mínimo da época. Hoje, com o salário mínimo a R\$ 350,00, 1% disso seriam R\$ 3,50, e 6 unidades significariam R\$ 21,00. Mas ocorre que, quando ministro, para o SUS, a consulta médica simples era igual a R\$ 3,50. O que significa o processo falimentar por que passam médicos e hospitais que trabalham para o SUS.

**“O JOVEM MÉDICO TRANSFORMA-SE, POIS, NO ASSALARIADO MALREMU-
NERADO E, POR ISSO, COM
MÚLTIPLOS EMPREGOS.
CANSADO E SEM TEMPO, NÃO
SE ATUALIZA E SE DESESPERA
COM SUA QUALIDADE DE
VIDA. NÃO RARO, DESI-
LUDIDO, ESCAPA POR
CAMINHOS TORTUOSOS.”**

O que significa dizer, por exemplo, que todas as Santas Casas brasileiras estão endividadas.

Com certa nostalgia Jatene reflete também sobre lembranças do seu passado, em que o médico tinha influência e fazia parte do topo da pirâmide social sem que necessariamente *excesse dominação*. Mas com o desenvolvimento tecnológico e a criação de grandes empresas, o poder econômico da sociedade se deslocou para outras categorias profissionais, executivos, diretores de bancos, empresários, restando ao médico uma posição intermediária. E estamos falando de pessoa insuspeita, que criou aparelhos, tendo patenteado algumas invenções. E que não é contra a iniciativa privada, muito pelo contrário. Mas que reflete responsabilmente sobre o andamento do atendimento médico. E se queixa, e muito, e com razões que vai desfilando. Hoje os *privilegiados* são os 20% da população que dispõem de planos de saúde. Mesmo com as mazelas encontradas com frequência nesses planos. Atualmente o paciente escolhe o médico da lista, um especialista, e se tiver sorte resolve o problema. Ocorre que com frequência faz o “shopping doctor”, não por ser somatizador crônico – o que seria comum —, e sim porque os médicos não resolvem seu problema. O normal seria ser

“...HÁ ALGO DE PODRE NO REINO DA MEDICINA BRASILEIRA, E O DR. JATENE DEIXA CLARO QUE NÃO PRETENDE SER CÚMPLICE; FEZ E FAZ SUA PARTE PARA AJUDAR NA RACIONALIZAÇÃO DO SISTEMA, E APONTA ERROS SEM MEIAS-PALAVRAS.”

atendido por um internista que, se necessário, o enviaria ao especialista adequado.

Mais adiante fala das minorias, e das mulheres – que não mais o são; as turmas para quem ministrou aulas na graduação já estão divididas ou com superioridade feminina – em sua luta, eternamente divididas entre a carreira e a

timentalismo.

Dá exemplos críticos de como é a Medicina em outros países mostrando vantagens e desvantagens. Também discorre sobre a falsa dicotomia de Medicina preventiva e curativa, sobre serviço social obrigatório, sobre a revalidação de diplomas, sobre o maniqueísmo público-privado, a telemedicina, sobre a falta de recursos – hoje convivemos com 16% dos 30% do orçamento determinado pela constituição —, deixando claro que embora possa ser melhorada a gestão dos recursos, o problema real é a falta dos mesmos. E não deixa de discorrer sobre uma Medicina mais humanista. E prescreve o que seja um médico adequado: primeiro, precisa ser competente para realizar um diagnóstico preciso; segundo, dedicado, para que possa fazer por aquele doente o melhor que sua competência permite; terceiro, precisa ser ético, porque não pode sugerir ao paciente algo que vai bonificar a ele, médico, e sim ao doente; e quarto, não pode oferecer alguma coisa mais complexa, com resultado discutível, quando existe algum procedimento menos complexo com resultado comprovado. E dá exemplos em sua própria área de atuação.

E escandaliza-se quando hoje uma estrutura hospitalar faz propaganda realçando seus aparelhos e não seu corpo clínico.

É... há algo de podre no reino da Medicina brasileira, e o Dr. Jatene deixa claro que não pretende ser cúmplice; fez e faz sua parte para ajudar na racionalização do sistema, e aponta erros sem meias-palavras. E apesar da indignação por assistir a desmandos, incoerências, desperdício e falta de sensibilidade com a saúde da população, ainda consegue um fato extraordinário: em nenhum momento do livro é pessimista. Sempre aponta saídas, embora as saiba lentas.

Este é o resumo de *Cartas a um Jovem Médico*. Longo resumo, mas oportuno. Ao final e ao cabo, dá vontade de ter um médico desses para si próprio, dileto leitor. São cartas indispensáveis para quem se aventura na profissão que é uma escolha pela vida. ●

O médico e a coerência

Caridade, amor e amor ao próximo não são exclusividades de pessoas religiosas. Embora a maioria se diga religiosa, poucos exibem tais predicados. Pelo contrário. Estas qualidades são inerentes às boas pessoas e, por conseguinte, ao bom médico. São virtudes inatas, sendo que os indivíduos são aquinhoados com maiores ou menores porções delas; é certo que estes valores também podem ser aprendidos e aprimorados; através da religião inclusive. No entanto, admita-se que religiões têm trazido mais sofrimento e morte à humanidade do que qualquer outra calamidade, tanto no passado quanto na atualidade. O mundo assiste atordoado a um novo ciclo de cruzadas onde cada facção apregoa ser o seu deus o verdadeiro (com o petróleo de permeio lubrificando toda esta iniquidade). Trata-se de lutas de vida ou morte. *“Meus deuses contra os teus deuses, meu projeto de imortalidade contra o teu projeto de imortalidade”* nas palavras de Sam Keen. Isto no atacado. No varejo, são constantes as manchetes noticiando que líderes de credos diversos foram flagrados cometendo desde pecadilhos os mais comezinhos até repugnantes atentados ao pudor.

O amor do qual se espera estar o bom médico investido deve ser autêntico, espontâneo, eclético. Muito diferente de um amor negociado, decorrente do temor dos infortúnios do Hades, caso contrarie alguma deidade. Um amor abrangente, que reconheça como seu “próximo” não apenas os membros de sua própria espécie, mas inclua os demais seres com os quais compartilha esta vida, ou seja, todas as supostas “criaturas”. Se julgar o clímax da “criação”, arrogar-se o direito ilimitado de sujeitar os demais seres vivos e imaginar que o universo foi “criado” para seu dispor é de



uma arrogância insuportável.

Saliente-se, no entanto, que o médico deve respeitar a religiosidade de seus pacientes e jamais tentar demovê-los de sua fé; a não ser que para tanto tenha sido desafiado.

A medicina remonta à pré-história. No momento em que um primata tirou um argueiro do olho de outro primata estava inaugurada a medicina; mas, na maior parte do período histórico, esteve embaralhada com credices, pajelanças, charlatanismo. Foi graças a homens com pés no chão e que souberam fazer as perguntas certas que a arte de curar foi se desvencilhando destas impurezas; não faz muito que médicos estavam aplicando ventosas e sanguessugas. Medicina que mereça esta designação sempre foi baseada em evidências (favor não confundir com o modismo recente que apregoa como novidade uma prática

“O AMOR DO QUAL SE ESPERA ESTAR O BOM MÉDICO INVESTIDO DEVE SER AUTÊNTICO, ESPONTÂNEO, ECLÉTICO. MUITO DIFERENTE DE UM AMOR NEGOCIADO, DECORRENTE DO TEMOR DOS INFORTÚNIOS DO HADES, CASO CONTRARIE ALGUMA DEIDADE.”

antiga). Ressalte-se que as evidências são farejadas por boa dose de intuição, um instrumento que o médico competente não deve ter pejo de exercitar e ao qual se deve muito do progresso científico.

A ciência não nega as suas limitações e reconhece que existe muito a decifrar. Admite não ter uma solução para o mal de Alzheimer, ainda. A ciência apenas não endossa hipotéticas criações do imaginário humano destinadas a aplacar os dois grandes pavores que, segundo Otto Rank, assola a humanidade (pavores dos quais os outros animais são poupados) o medo da vida e o medo da morte.

Ciência e religião são duas maneiras diversas de se analisar a vida e o universo; não são apenas incompatíveis entre si como são excludentes. Como sentenciou acerta-

damente Benjamin Franklin: “A forma de ver pela fé é fechando os olhos da razão”.

Neste exato momento milhares de pessoas estão a cultuar ou a atribuir poderes sobrenaturais a astros, meteoritos, rochas, formas geométricas, estátuas, seres fantásticos, animais e mesmo pessoas, vivas ou mortas. Cada qual honestamente se achando com a verdade. Todas têm algo em comum: abdicam da razão e se fiam na fé, um engano que o cientista, o médico, não pode cometer.

Quebrar paradigmas não é fácil; mormente em se tratando de idéias impingidas ainda com o leite materno. Ao médico compete saber distinguir um fato de uma credence; caso contrário, não estará muito longe de vir a prescrever florais de Bach.

Dr. Cezar Zillig (SC).

DIÁLOGOS (IM) PERTINENTES

Ainda não cheguei ao estado de perplexidade de Maria Antonieta que, ao saber que faltava pão ao povo, perguntou por que a arraia-miúda não o trocava por brioches, de modo que entro faceiro na padaria para comprar aqueles fofos pãezinhos. A moça de sempre me atende e logo vai dizendo:

— Hoje, quantas brioches?

Como? Estranhei, sempre usou o masculino, por que essa súbita mudança? Perguntei:

— Ué, os brioches não são do gênero masculino? Pensei que falando assim fosse se atrapalhar.

— Não, não, meu professor disse “ser as brioches”.

Pô, fiquei cabreiro, há algum tempo por causa da Danuza já tinha tido a necessidade de mudar a maneira de dizer “nécessaire”. Ao contrário do que todo mundo fala, e eu falava, trata-se do *nécessaire*, gênero masculino, portanto. Será que

teria de mudar o gênero dos brioches?

Como o que vem dos outros não é ensinamento, chego em casa e procuro pelo pai, o dos burros. Está lá, substantivo masculino. Danadinha, tem um mau professor. Que, aliás, também dizem asnicces, não estão infensos ao erro. Mas fiquei matutando sobre sua boquejada com aquele biquinho d’além-mar sem saber que tinha tudo a ver.

A resposta veio no dia seguinte. Nada como um atrás do outro. Estava lá comprando de novo (a ínsula, cerebral, me viciou) os tais brioches transmutados, quando a vejo sair com seu professor, o patrão.

Assim não vale, esse pode mudar qualquer gênero, e até chamá-la de briochinho! Tá vendo o que dá se imiscuir na vida íntima do reino?

MORAL: NOS GÊNEROS DA PAIXÃO QUALQUER MUDANÇA É NORMAL.

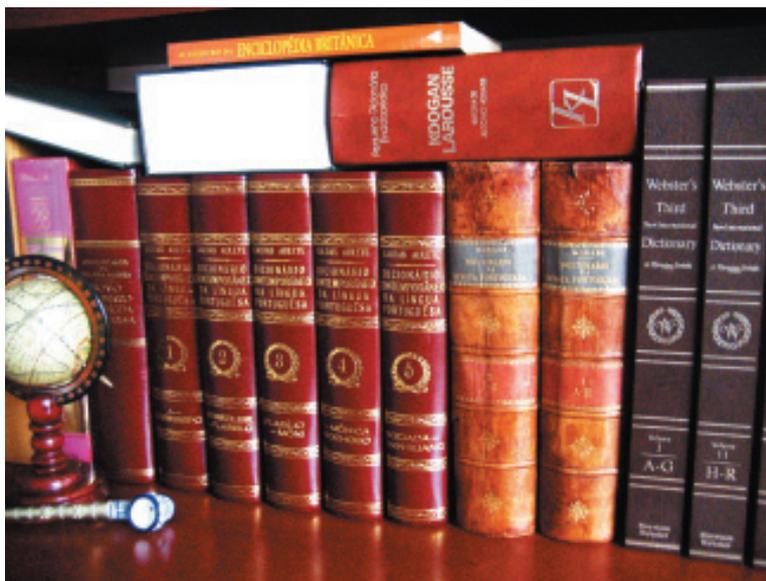
lábica maior: o grande descontente

Prezado Marco,

Às vezes um papo fugidio num intervalo de reunião científica é mais significativo do que horas de rígida labuta, principalmente quando se comunga um mesmo poeta e sua obra, no caso, Fernando Pessoa. Que bom! Mas, depois, fiquei matutando sobre sua miserável vida. Que ruim! Estas, as lembranças que me vieram. E que doeram.

Um cara que nasce bem, 1888, e ainda no fabuloso mês de junho, com um pai jornalista, culto, alto funcionário de estado e chegado à música; e uma mãe inteligente, sensata e sensível, tudo o que Freud queria para uma boa mãe, tinha meios para dar certo, não é mesmo? E deu, e não deu...

Porque aí começaram os problemas. Não os genéticos, que já os carregava, mas os existenciais. Morre-lhe o pai aos cinco anos. Mas, ainda havia jeito. Principalmente quando notamos que cometera seus primeiros versos aos sete. A mãe contrai as chamadas segundas núpcias, quando tinha oito. E lá se vão para Durban, África do Sul, onde ele permanece dez anos. Não sei que padrasto teve, mas a vida lhe corria franca e risonha. Aprende a falar e escrever inglês. Mais importante, aprende a pensar em inglês. Tanto que os primeiros versos para valer são nessa segunda língua. Shakespeare, Shelley e Dickens se tornam familiares. Ganha prêmio de estilo inglês na Universidade do Cabo. Com essa formação básica, e já internacionalizado, volta aos dezoito a Portugal. Mas a reintegração é difícil, leva tempo para assimilar coisas, seres e lugares. Ou seja, para se "naturalizar". Pior, começam a ficar claros os contornos de sua personalidade: temperamento melancólico, tímido, abúlico e obsessivo, tornam-no desassossegado para a vida e suas atribulações práticas. Somatizador, se diz doentio trezentas ou trezentas-e-cinqüenta pessoas. E engaja-se na



tentativa obsessiva de fazer o autodiagnóstico psíquico. Por quê? Quanto mais os traços de sua personalidade esquizóide ficavam nítidos mais achava que seu destino seria igual ao da família. Afinal, o pai morrera tuberculoso e, para mal de seus supostos pecados, uma avó ficara louca. Esta a grande nódoa familiar que o obcecava. Adepto de Lombroso, passa a ter fúrias de categorização, classifica-se como "histeroneurastênico". Sabes o que é? Eu, não! Mas o fato é que tinha a convicção de um caminho psíquico tortuoso. Pelo menos é o que afirma Paulo Mendes Campos que, poeta, foi grande estudioso do poeta. Poetas gostam de se espreitar. Retratava-se muito em Virginia Woolf e, talvez, como ela — lembra-se do filme *As Horas?* —, também fosse bipolar. O certo é que boa parte de sua poética é uma vã tentativa de autoconhecimento, de tentar se ajustar ao seu desequilíbrio emocional. Claro que também são essas características que o tornam um imenso interior. Um ruminador de idéias e observações que se atam e só se explicitam na linguagem. É isso. Esse caos começa a ser canalizado por sua incomum inteligência lingüística. De outro modo, a inteligência interpessoal era problemática, a intrapessoal tinha dificuldades para elaboração, mas a lingüística era luminosa,

estuário natural de suas águas turbulentas. Na verdade, o panorama visto da ponte revelava que seus sentimentos eram “água de um instante”. Tratada, virava água de fonte, nobre.

A vida é levada em pobreza. Os caraminguás vinham da correspondência que fazia em inglês e francês para casas comerciais. Era pouco, muito pouco. Às vezes confeccionava horóscopos. É isso mesmo, era chegado à astrologia. Em certo momento começou a incorporar um ente. Sabe-mo-lo místico. Mas isso, também o sabemos, não costuma resultar em pecúnia. Fazia alguns outros bicos. Chegou a ser redator da agência McCann. Mas sua natureza abúlica e dispersiva entornava o caldo. Morou em sótãos, indicativo de quase miséria, um dos quais numa leiteria, por generosidade de um comerciante que o admirava sem poder compreendê-lo. Dava vistas para a famosa Tabacaria. E, escrevia claro, e muito. Em momentos, feito metralhadora giratória. Conta-se que os trinta poemas de “O guardador de rebanhos”, escreveu-os de um jato e em pé, sob o heterônimo Alberto Caeiro. Ah, os heterônimos. Ainda não se sabe ao certo quantos. Nasceram porque representavam sua fragmentação, ao possível caminho para a unidade:

**E como são estilhaços
Do ser as coisas dispersas
Quebro a alma em pedaços
E em pessoas diversas.**

Os três principais e mais notórios nasceram em um mesmo ano, 1914. Alberto Caeiro impressionista e irônico; Álvaro de Campos celebrava a modernidade e a técnica; Ricardo Reis bucólico, elegíaco. As características de cada um são tão distintas que inventou até biografias para os mesmos. Suas tendências eram intransferíveis de um a outro. E o ortônimo? Esse era simples e emocional.

Mas toda essa genialidade múltipla e prolífica que acabou por influenciar toda a poesia moderna, pois criou uma nova linguagem por desatar-se do passado, e servindo de fundação para a literatura portuguesa do século XX, não conseguiu romper o círculo tradicional em que estava inserido. Não tinha “punch”, “drive”, para essa empreitada; aquele impulso vital que faz com que você lute pelo que acredita. Ficando só reconhecido pela boemia literária de

Lisboa. Quando publicou “Mensagem”, seu único livro em vida, muito esperava dele. Mas decepcionou-se. Embora tenha ganho um prêmio oficial, não foi considerado o melhor, foi o segundo em valor, e ainda por engano. Foi interpretado como manifestação de nacionalismo pelo regime vigente. Você sabe, tipo ame-o ou deixe-o. Mas deu-lhe dividendos literários a longo prazo. Começou ali a discussão da poética-prima de sua obra, que só cresce, como a de qualquer gênio. Penso até que, por pouco ter publicado em vida, isso permitiu-lhe não se subornar a si próprio, sendo autêntico em boa parte de sua obra. Os fingimentos ficavam como contra ponto ou como ilusões do ser:

**O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.**

Ah, esse pastor de palavras encantadas que não apascentava a si próprio. Sua síntese de vida talvez pudesse ser descrita assim: Pessoa escreve, traduz, redige cartas comerciais e reclames, e bebe. Muito. O drama vivencial com o alcoolismo poderia assim ser resumido: durante a semana entornava copos no Martinho da Arcada; aos domingos embriagava-se no Montanha; em casa, cotidianamente, esvaziava garrafões de tintos e brancos; e na pasta comercial, escondida, uma garrafinha com aguardente. O resultado? Quando deu entrada na noite de 28 de novembro de 1935 no Hospital S. Luís dos Franceses, parecia horrosamente envelhecido para seus 47 anos. Resistiu dois dias. No dia 30 morreu da eufemística “crise hepática”.

Morreu como viveu, em miséria existencial e emocional. Mas seu esforço para tentar traduzir seu vulcão emocional nos brindou com a sublimidade do verbo. Se imolou no verbo, sua única razão de viver; e suas sacadas nos ajudam a viver:

**Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.**

Prezado, Marco, este verso nos diz que não precisamos nem de crenças nem de ideologias, ou quaisquer outras coisas para darmos certo. Bastaria que fizéssemos, cada um, o melhor possível dentro de nossas circunstâncias, e haveria uma revolução de qualidade e sensibilidade. E nos tornaríamos mais humanos e o mundo menos miserável. Você sabe, não gosto de falar mal de pessoas. Prefiro discutir suas idéias. Mas falar da genialidade de Pessoa sem saber o que foi em vida, é não saber Pessoa. Sua obra-prima está indelevelmente atada às suas contradições e ao desconforto vivencial. É, portanto, uma lição de vida. Se vivendo mal e porcamente, e torturado, fez o que fez, não poderíamos nós fazermos um pouco? Idealização? Claro!

Mas deixemos a vida tormentosa para os gênios que revolucionaram nosso viver em sua imolação contraditória. Esses grandes provocadores de mudanças em todos nós, e que não sabem se organizar a si próprios. E cá fiquemos com o pouco que podemos fazer que, no somatório, resultaria em melhor qualidade de vida e mais respeito humano. Imagine! Como diria o Lennon.

Esperando novos encontros reveladores de nossas afinidades, mesmo que fugazes, pois esse catalizou esta vitrine existencial do poeta de gosto em comum, vou me despedindo com um Fernando Pessoa embriagado, mas de verve e desespero. E, para alguns, de suspeição:

**Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
E cala. O mais é nada.**

E para terminar, sua aguda percepção provocativa do que seja liberdade:

**Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
Homem, é igual aos deuses.**

A liberdade dos deuses. A liberdade do intelecto e da arte. A liberdade limitada, única que pode ser possuída. A liberdade de si próprio, que Pessoa só a tinha na expressão poética. ●

De Vulgari Eloquentia

A realidade é coisa delicada,
de se pegar com a ponta dos dedos.

Um gesto mais brutal, e pronto: o nada.
A qualquer hora pode advir o fim.
O mais terrível de todos os medos.

Mas, felizmente, não é bem assim.
Há uma saída – falar, falar muito.
São as palavras que suportam o mundo,
não os ombros. Sem o “porquê”, o “sim”,

todos os ombros afundavam juntos.
Basta uma boca aberta (ou um rabisco
num papel) para salvar o universo.
Portanto, meus amigos, eu insisto:
falem sem parar. Mesmo sem assunto.

Do livro: Macau.

Autor: Paulo Henriques Britto.

**A quem endereça: Aos professores que
falam sem parar.**

Assunto: Aos que não têm assunto.

Objetivo: A remota possibilidade.

Casual Identification

A word, a will, an eye, a hand –
that’s what it takes to make a world.
All else follows from that, you say.

It may well be just as you say.
I could, of course, give you offhand
five other versions of the world –

save that I wound’t for the world
find fault with anything you say.
Caution and love go hand in hand.

What did you say about the world?
give me your hand.

Paulo Henriques Britto

Autonomia e circunstância



A experiência do retorno a uma graduação na universidade, neste caso para estudo de pensadores clássicos do mundo ocidental, é tema do interessante livro de David Denby. Temos em comum, além dessa mesma aventura, a circunstância de cinquentões insatisfeitos com as informações descartáveis acumuladas ao longo da *meia-vida* de êxito profissional. Denby articula bem a questão dos triunfos e fracassos como aluno *pré-idoso*; o aprimoramento ao longo das aulas; os diferentes interesses dos colegas e as estratégias de professores memoráveis; a admiração diante do pensamento de alguns filósofos, até para desistir daqueles mais herméticos. Mas não pretendo resenhar Denby nem retomar os assuntos de que ele trata e, muito menos, comparar sua experiência na *Colúmbia University*. A

vantagem de algum conhecimento do mundo e maior experiência de vida tanto nos aproxima quanto nos afasta, tendo em vista os *(pre)conceitos* moldados pela circunstância de cada um. Iguais, porém diferentes. Aos interessados, o livro. "*Grandes Livros: minhas aventuras com Homero, Rousseau, Shakespeare, Marx e outros escritores brilhantes*" (Editora Record, 585 p., 1998).

De fato, a influência da cultura e da linguagem, principalmente, são aspectos que interferem no pensar e no agir. Além da formação e do nível de satisfação das necessidades essenciais que, de certo modo, condicionam o pensar e o agir. Quando se realizava o vestibular para Filosofia na Federal do Paraná o fiscal de corredor dirigiu-se a mim de modo categórico: "*Os pais devem ficar do lado de fora*". Quando mostrei minha inscrição, desculpou-se e ficou a sorrir. Admirado diante da circunstância. Um suposto "*Manual sobre a Diversidade*" certamente indicaria que a cara de um pai é diferente da cara de um estudante, padrão estético que *define* o pretense universo dos vestibulandos. Entretanto, naquela circunstância, eram iguais. Diferentes, porém iguais. Mas na perspectiva corrompida da vida atual, a diversidade aparece-nos junto ao cacoete do *certo e errado*, conectado à mania de considerar os *apostos* como contraditórios, ligado ao sestro de enxergar relativismo no que é pendular. Até para admirar a diversidade é preciso de autonomia. Talvez seja por isso que os professores do meu curso de Filosofia execrem os manuais. De fato, simpatizamos facilmente com essas obras simplificadoras. Para atender ao mercado os manuais rotulam e agregam "*semelhanças*", criam e distinguem "*diferenças*" e, assim, podem desestimular o pensamento autônomo, único caminho em direção ao conhecimento verdadeiro.

Nos manuais de Filosofia, por exemplo, a sutileza do pensamento de Heráclito (VI a.C.) aparece rotulada pela tese do *fluxo constante* ou *tudo é movimento*, quando lhe atribuem o célebre fragmento "*não nos banhamos duas vezes no mesmo rio*", pois novas águas estão fluindo e nós mesmos estamos em mudança a todo momento. Colocar o seu pensamento em oposição ao "*nada muda*" de outros filósofos é quase tão inevitável quanto imprudente. Apesar do paradoxo, há comentadores que entendem o movimento heraclítico sem o opor à permanência, ao fixo, ao imutável. Ao que parece, em Heráclito, a unidade da existência consiste numa mudança perpétua, mas que ocorre para a realização do ser. Mudança que mantém a proporção (*razão, logos*) do ser das coisas. Neste sentido, a mudança, o movimento, o diferente, não impedem que as coisas venham a ser como já são na essência, as mesmas, iguais.

Há outra circunstância tão poderosa quanto suspeita de desestimular o pensamento próprio: o avanço da *world wide web*. Em geral ela nos retorna um amontoado de assuntos, apresenta-nos uma inevitável mistura de conteúdos, apesar dos filtros inteligentes. Mas ela tanto engana como salva. Talvez por isso - no modelo de ensino atual em que se supõe que o professor deva saber tudo primeiro - os educadores têm verdadeira ojeriza à pesquisa de *internet*. Um deles anotou depreciativamente em um parágrafo do meu trabalho para aprovação em sua disciplina: "*Ah! a internet...*". Reconheci naquela *minha* redação a semelhança com manjados chavões encontrados nos manuais ou na *web*. Era diferente, porém igual. O episódio mostrou-me como qualquer leitura pode formar no espírito desatento a repetição cega do ponto de vista alheio, identificável pela desvinculação ao todo, pela desprezível engenhosidade de paráfrases que quebram o pensamento claro e distinto.

Porém, ler um pensador clássico no idioma em que teria escrito a obra ou - o que parece pior - ler as traduções para o vernáculo - às vezes de um segundo idioma - é diferente

dos manuais ou da *web*? É diferente, porém igual. Tanto o domínio do idioma original não garante o acesso aos signos da linguagem nativa como as traduções não desocultam a circunstância original. Um exemplo, o termo "*phronesis*" nos textos de Aristóteles (*Ética à Nicômaco*, IV a.C.), geralmente traduzido como "prudência" ou "meio termo", de certo modo corretamente, mas que não revela todo o significado da *phronesis* aristotélica para a virtude, requisito da ação dos homens excelentes. A virtude não é verdadeiramente prudência (sugere cautela, comedimento) nem meio-termo (pretende eqüidistância dos extremos). A coragem não está entre a *covardia* e *destemor*. A *phronesis*, segundo os entendidos, tem uma dimensão que reconhece virtuosa a ação na *justa medida* do seu bem-estar diante dos fatos e na proporção (*razão, logos*) necessária à circunstância.

Se for assim, podemos concluir que pensar e agir na dimensão da justa medida, enfrentando os fatos, é a fonte do bem-estar (que os antigos chamam felicidade ou bem-supremo). Porque sem autonomia, os manuais da vida, as más-traduções das obras clássicas ou a imprecisão do "*qualquer coisa ponto com*" (é também a televisão, a imprensa, o governo...) tanto enganam como salvam. Todos são parte da circunstância e afetam o movimento perpétuo que mantém o mundo e a possibilidade da realização humana. Daí a importância do pensamento filosófico, como a célebre doutrina de Ortega y Gasset: "*Eu sou eu e minha circunstância e, se eu não a salvo, não me salvo a mim mesmo*". (*Meditaciones del Quijote*, 1927). Pelo menos é assim que entendo o que está no manual que encontrei na *web*.

"...NA PERSPECTIVA CORROMPIDA DA VIDA ATUAL, A DIVERSIDADE APARECE-NOS JUNTO AO CACOETE DO CERTO E ERRADO, CONECTADO À MANIA DE CONSIDERAR OS OPOSTOS COMO CONTRADITÓRIOS, LIGADO AO SESTRO DE ENXERGAR RELATIVISMO NO QUE É PENDULAR."

Dení Santoro (PR).

A justiça cósmica dos egípcios



O Egito faraônico teve em 3000 anos uma evolução cultural contínua fenomenal em comparação com gregos, romanos, chineses, judeus ou islâmicos. Nas Américas os maias lembram a sofisticação egípcia, mas, como ingleses e

franceses, não completaram o primeiro milênio de progresso ininterrupto.

Já conhecedor do Vale dos Reis, das pirâmides de Giza e do Museu do Cairo, ao ler a série de romances “Ramsés”, de Christian Jacq, em 1999, tive uma faísca cognitiva, causada por Mâat, a representação da justiça, da verdade real. Ramsés considerava a principal função do faraó apoiar Mâat; quando em dúvida, o faraó deveria pender para Mâat. Nunca havia cruzado com tal idéia. Este artigo resume uma série já publicada (Gazeta Mercantil e O Estado do Paraná, 2001, *O ponto G de Janine*, Design Editora Ltda, 2006).

Os egípcios tinham deuses personificados em animais, pássaros, répteis e no cosmos. Hórus, o falcão, foi o primeiro a tomar forma. Um dos seus olhos era o Sol, outro a Lua. O Sol mesmo, Ra, era o chefe divino. Osíris era o deus dos mortos, da noite, e Isis sua mulher. Thoth o primeiro escriba, medidor, pai dos cientistas e construtores. Mâat originou-se nos primórdios da civilização do Nilo, e perdurou como um dos seus princípios elementares. Sempre uma mulher com uma pluma de avestruz na cabeça. No plano moral ou empírico, abarca as qualidades positivas que contribuem para o equilíbrio cósmico, do indivíduo e da sociedade. Trata-se de uma noção vertical de ética, do cosmos ao homem. Se na hora da morte seus pecados fossem mais pesados que a pluma, comparada com o coração numa balança, o egípcio não ia para o paraíso.

Jan Assmann conclui que a solidariedade, ativa e intencional, levava à integração do indivíduo em um corpo social sem injustiça ou brutalidade. Até os anos 1930 a opinião era que a ética formava o coração de Mâat. Desde então, Mâat é mais relacionada com a “ordem universal”. “Verdade” passou a ser definida como a harmonia e a ordem real das coisas, e a justiça, a força motriz e reguladora.

Esta discussão assumiu um papel crítico após a catástrofe

moral da segunda guerra mundial, que originou a teoria da "Idade Axial" de Karl Jaspers. Foi em torno de 500a.C. que teve início a nossa história intelectual. Em um espaço de 600 anos, Sócrates, Homero, Isaías, Zarathustra, Confúcio e Buda elaboraram o mundo intelectual como o vivemos hoje. Daí em diante se estabeleceu a Idade Axial, e o confronto entre o transcendental e a realidade. Antes disso existia a ordem cósmica, Mâat. Com a perspectiva do fim da história através de uma vitória nazista, resultante de uma aberração dos maiores feitos intelectuais do ser humano, os filósofos tiveram que reverter às origens do intelecto, as civilizações pré-axiais, cósmicas, cujo protótipo foi o Egito.

A partir da metafísica grega e da revelação da religião israelita, o intelecto rompeu a ordem universal. Partindo do "compacto" egípcio, a humanidade desenvolveu uma diferenciação simbólica nas várias disciplinas do intelecto. O mito cosmológico da teocracia egípcia via o mundo de uma perspectiva central, onde está o deus supremo, criador e preservador do mundo, manifesto na Terra na pessoa do monarca. Por ser uma civilização benigna, com raros sinais de comportamento despótico, é que os egípcios devem ter durado tanto. O contrário, simbolizado por Isfet, era o caos, o caminho da destruição. Cada identidade política tem seu mito fundador, seja Tróia, a revolução francesa ou o estado nazista. Instalando Mâat no lugar de Isfet o faraó transformava a ilha de chamusca, o mundo terrestre em seu estado rudimentar de antagonismo e ambigüidade, no estado de Mâat, habitável, estável, correto.

Foi entre o período clássico e a Baixa Época que se modificou profundamente a relação entre ação e consequência. A pessoa passou a ser recompensada por Deus ao invés de pelos seus companheiros. A solidariedade ativa foi substituída por piedade pessoal. O homem passou a depender de Deus ao invés de suas ações. Mâat foi identificada com a vontade de Deus, e, em seguida, abolida. Enquanto Mâat era evidente, a vontade de Deus era obscura. O homem que tinha Mâat no seu coração era integrado na sociedade e no cosmos, engajado em escutar os outros. O homem que colocava Deus no seu coração, se colocava na mão de Deus.

Aparecem um novo senso de culpabilidade, e a misericórdia divina. Na dependência de Deus aumenta a tendência individualizante. E aparece uma inquietude, um medo da ambigüidade.

O estado natural do mundo era de violência e lutas generalizadas. A solidariedade não é o estado natural do coração humano, e sim a avidez e o egoísmo. O processo cósmico não era como Platão e Aristóteles começaram a teorizar, um *perpetuum mobile*, harmonioso e estabilizado. A cosmologia egípcia, negativa como a hindu e a chinesa, indicava que se Mâat não triunfasse sobre Isfet o caos tomaria conta, as enchentes do Nilo acabariam, ocorreriam epidemias de insetos e crocodilos, tempestades de areia, e finalmente, o sol não conseguiria atravessar a noite e não raiaria. O mundo não precisava ser salvo por um Messias, mas mantido dentro de Mâat por um monarca divino. Mâat era reconhecível sem a revelação judaico-cristã, e sem uma revolução francesa. Na evolução de uma sociedade neolítica para a sofisticação do estado faraônico, os egípcios, em um período curto, desenvolveram uma solidariedade abstrata, capaz de criar e manter uma nação.

O conceito de Mâat foi um dos símbolos mais perfeitos da estabilização da controvérsia entre indivíduo e sociedade. Pode ter sido o segredo da durabilidade da civilização egípcia. Com a saída da Mâat cessa a dependência do homem ao homem, e entra a dependência de Deus. Aparecem a piedade pessoal e o amor ao próximo. Embora muitos filósofos encarem o fim da civilização egípcia como um avanço intelectual, liberando a mente humana de uma captividade cósmica, Jan Assmann termina: "A questão permanece aberta. Precisamos saber se devemos computar o conceito de Mâat entre as mais profundas visões que a humanidade já produziu. Nesta visão, a verdade, a justiça e a confiança são os fundamentos de um mundo humano e habitável"

Dr. Paulo Rogério M. de Bittencourt (PR).

"OS EGÍPCIOS TINHAM DEUSES PERSONIFICADOS EM ANIMAIS, PÁSSAROS, RÉPTEIS E NO COSMOS. HÓRUS, O FALCÃO, FOI O PRIMEIRO A TOMAR FORMA. UM DOS SEUS OLHOS ERA O SOL, OUTRO A LUA."

Jaculatórias

Na medicina a mentira só tem função analgésica quando a verdade dói muito.

Não fez um diagnóstico? Seu estado de espírito tem que estar inconformado, curioso, e você disponível para todas as tarefas que implique a investigação. Em aliança com o paciente.

Mesmo entre médicos há uma minoria que lê. Mas é essa minoria que influi e/ou é suscetível à mudança de idéias.

Se você é pesquisador, e cumpre horário, não esqueça: idéias não têm hora para ocorrer.

Os pacientes fazem de tudo para se aproximar do convívio extra-profissional com os médicos. Na medida do possível evite. A distância traz isenção, e é boa para ambos. Não imiscuir-se na vida pessoal e social de cada um mantém a abertura de espírito. Há exceções, claro. Mas o distanciamento mantém carisma e respeito.

Quem não pratica a medicina não é médico. Quem não lê livros e revistas não se atualiza. Quem não discute casos não mantém a mente aberta.

As três necessidades do jovem médico: ler, pensar e praticar.

O grau de competência médica tem aumentado bastante, e o da ignorância também; a maneira de exercê-las ou reportá-las é que o distinguirá. Associadas à ciência, a cultura e a experiência social ajudam a ficar com a primeira.

A sua melhor campanha publicitária, e ainda por cima ética, é o boca-a-boca de seus pacientes. Mas prepare-se, a fidelidade não é muito humana.

Patogênico você aprendeu nos bancos escolares. Patoplástico é o modo do paciente declarar o patogênico, é o colorido que dá à expressão de sua doença. Sempre com cores próprias.

Você fez um grande diagnóstico? Ótimo, mas sempre haverá outro melhor! Mantenha a observação.

O paciente não quer saber de seus problemas. Aliás, você não os tem. Um pouco de sua aura está em não ter aflições, ser perfeito, para o paciente. A magia de cada um está no mistério, não no desvendamento.

Toda a ciência-mãe deve ser refutada pela ciência-filha. É a imprescindível canibalização do saber.

Reciprocidade é a palavra-chave. Intermedeia vínculo e responsabilidade, síntese da ética.

Comunica-se bem quem é competente e criativo. Crie em sua fala com o paciente. Mas não seja boquirroto. Os pacientes têm tendência a distorcer sua fala. Se for parcimonioso, haverá menos enganos.

O que você faz com seus erros? São uma de suas fontes de experiência.

"Dias de agonia e pus/ (um silêncio ininterrupto)/ na cama, entre fios,/ meu pai morreu muito".

Régis Bonvicino

"Informação não substitui experiência".

Susan Sontag

"Toda definição é uma espécie de camisa-de-força do conceito".

Dr. Wilson L. Sanvito

"Introspecção é retrospectoção".

Sartre.

Como provocação aos meus amigos psiquiatras uma *boutade* do religioso **Pascal**:

"Os homens são tão necessariamente loucos que não ser louco representaria outra forma de loucura".

Guernica



Observe o painel *Guernica*. Nele, pintado em 1937, Picasso demonstra que sua arte prescinde da idéia de formas descritivas. Ao contrário, a obra provoca no observador um resultado de curiosidade e horror jamais explicado na arte figurativa.

Picasso esqueteja formas, humanas ou não. E ainda entremostra seus prazeres, dos touros às mulheres. Tão fugidios e devastadores quanto a guerra. Fá-los serem violência particular porque não correspondidos. Já que na sua vida tudo era assimétrico, de mão única, no sentido dos seus desejos. Como na vida de todos que têm poder. No seu caso, sempre canalizados para sua expressão pictórica ilimitada.

Cria fragmentos simples em preto-azulado e branco-sujo de animais aterrorizados e mulheres gritando. E filhos mortos. A morte provocada, ou destinada. Um conjunto de sofrimento e morte assolador. Sim, a morte e o sofrimento na pequena cidade basca bombardeada pelos aliados alemães do general Franco na guerra civil espanhola. O resultado catastrófico resume o homem lobo do homem, o homem criador da desumanidade, da violência gratuita ou oportunista, que desintegra o que levou milhões de anos para se apresentar nesse cenário. E que num átimo se destrói, se desumaniza.

Ao ser perguntado sobre o que representava, inventou uma das mais belas sínteses de horror, mostrando seu gênio instantâneo: são animais, animais massacrados!

Guernica é o nosso sofrimento. E sempre será. O sofrimento dos sensíveis, que repudiam a animalidade. A esperança dos aperfeiçoados, que rejeitam a barbárie.

CHORO DE MULHER

Esta é uma mulher que chora. Seu luto é um painel de sentimentos rígidos, cortados e distorcidos. Tudo é deslocado, da anatomia às cores, provocando uma sensação de desconforto e singularidade. Como se suas emoções trágicas fossem únicas, e doessem em nós. E o cubismo de Picasso distorcendo e fragmentando para nos chocar, insensíveis que somos à banalidade da dor. Jogando na nossa cara o sofrimento peculiar de uma mulher que chora. Que chora nossas lágrimas impossíveis.



E assim nasce a multiplicidade cultural...

O hábito de analisar algo criticamente e comparar com as informações que disponho foi a base para o desafio de demonstrar que um mesmo *script* pode variar tanto quanto os atores envolvidos. Minha propensão por música tornou os cantores o objeto desta pesquisa e uma música antiga que renasceu na voz de Ray Charles foi a peça.

Comparar Michael Bubl , Carmen McRae, Christina Aguilera - Herbie Hancock, e é claro, Ray Charles, não se pode chamar de tarefa fácil. Pode-se, no entanto, chamar de interessante, já que apresentam estilos de música completamente diferentes. *"A song for you"* escrita e originalmente tocada por Leon Russell em 1970, fala de amor eterno sem falar de amor, mostra que a intimidade é algo precioso que precisa ser buscado e o perdão é o meio de se atingir tal feito. Tal qual o perdão religioso. Estes quatro intérpretes fazem aflorar sentimentos diferentes baseados nas qualidades específicas de cada voz e acompanhamento.

Michael tem o efeito lisérgico de tornar a música algo realmente visual. Podemos quase ver sua expressão facial como uma peça de teatro. A música desenrola-se como num filme. O sax que o acompanha aliado à orquestra torna o efeito ainda mais proeminente. Na verdade, o álbum que cont m esta versão da música, *"It's time"* (2005), é cheio de melancolia melodiosa, no qual o ponto alto é sem d vida atingido aqui.

Carmen d  um toque de blues, e com sua voz rouca e inebriante torna o acompanhamento instrumental quase desnecessário. Esta é uma característica que pouquíssimos cantores apresentam. É extremamente difícil colocar toda a força de uma música nas cordas vocais sem parecer estridente ou apagado.



Aguilera utiliza todos os seus recursos vocais para explorar cada tom que sua voz pode desenvolver, porém ao contrário de Carmen, o faz de maneira cansativa e esquece-se de que faz um dueto com um pianista excepcional que   Herbie Hancock. Seu piano quase não aparece perdido em trinados exagerados e desnecessários. O principal sentimento evocado é o de quando a música vai terminar...

Porém, é com Ray Charles que *"A song for you"* atinge o ápice. Seu tom melancólico, mistura de soul, R&B e jazz, aliado ao piano, tocado de maneira bastante particular, traz   música aquilo que a letra propõe: intensidade.

Assim, analisando todas estas interpreta es, percebo que, apesar de minhas preferências pessoais, é essencial em arte, assim como na vida, que a diversidade seja exaltada, discutida, apreciada em suas múltiplas formas para que haja a evolu o daquilo que, quando único, é considerado perfeito.

"...é COM RAY CHARLES QUE *"A SONG FOR YOU"* ATINGE O ÁPICE. SEU TOM MELANCÓLICO, MISTURA DE SOUL, R&B E JAZZ, ALIADO AO PIANO, TOCADO DE MANEIRA BASTANTE PARTICULAR, TRAZ   MÚSICA AQUILO QUE A LETRA PROPÕE: INTENSIDADE."

Dr . Karin Mueller Storrer (PR).

A N T O L O G I A

Traduzir-se

*Cantores: Nara Leão e Raimundo Fagner
(melodia de Fagner)*

Poeta: Ferreira Gullar, poema de 1980

Disco: Polygram, GRA 61358355

Uma parte de mim é todo
mundo

Outra parte é ninguém
Fundo sem fundo

Uma parte de mim é
multidão

Outra parte estranheza
e solidão

Uma parte de mim pesa,
Pondera

Outra parte delira
Uma parte de mim almoça
e janta

Outra parte se espanta

Uma parte de mim é
permanente

Outra parte se sabe de
repente

Uma parte de mim é só
vertigem

Outra parte linguagem.

Traduzir uma parte noutra
parte

Que é uma questão de
vida ou morte
Será arte...

Uma parte de mim é permanente (...)

Traduzir-se

Traduzir-se é inventar o sentido,
De só para si,

Com a intermediação de
seres, coisas e lugares.

É o eco de coisas lembradas e esquecidas,
Transubstanciação do possível.

PROVOCAÇÕES**PERTINENTES**

Naturalmente o dileto colega deve ter lido, ainda menino, O estranho caso do Dr. Jeckyl e o Sr. Hyde, entre nós conhecido como *O Médico e o Monstro*, de Robert Louis Stevenson. Se está lembrado, é sobre a natureza dupla do homem, ora santo, ora diabo. E, naturalmente, como convém às grandes provocações sempre polares, adverte o homem à sucumbência do mal absoluto, um risco sempre à espreita.

Pois bem, esse autor ainda hoje muito lido, certa vez foi ao seu médico que, como todos os médicos, foi logo advertindo-o para que se cuidasse na alimentação y *otras cositas más* (já naquele tempo, isso não muda), sob pena de poder morrer jovem (que praga hein!). O sagaz Stevenson replicou: “Ah, doutor, todos os homens morrem jovens!” Profunda e poética verdade.

Mande uma poesia

O Conselho Editorial do Iátrico conclama os médicos paranaenses a enviarem poesias sobre Medicina. As cinco selecionadas serão publicadas na próxima edição da revista cultural. Enviar para email (iatrico@crmpr.org.br) ou fax (41) 3240-4001.

O mestre

Incrível era a percepção das pessoas sobre sua personalidade, sobre seu jeito de ser, sobre sua boa educação, sobre sua agressividade, enfim, sobre tudo o que a ele se referia.

E espantosa era a diversidade de opiniões: uns o achavam extremamente bem educado, outros o consideravam grosseiro, alguns reverenciavam sua cultura, outros desprezavam sua ignorância, alguns o viam extrovertido, falante e simpático, outros sisudo e quieto.

Não havia unanimidade sobre ele, apresentava-se de maneira plural, cada um o via de forma diferente, sem perceber que sua estratégia era ser o “homem espelho”.

Tratava a todos de acordo com as características particulares de cada um e procurava realçá-las, distorcendo-as um pouco ao amplificá-las sutilmente.

Era simpático com os simpáticos, fino, educado, sabia os limites e momentos certos, era sempre agradável.

Os enganadores o achavam trambiqueiro, pois já tinham sido enganados por ele. Isto ele não perdoava nunca. Quando se tratava de dinheiro, suas armações eram maquiavélicas!

Os falantes o consideravam um conversador incurável. Era capaz de dialogar por horas a fio sobre qualquer assunto, tamanha era sua cultura.

Os mentirosos não lhe criam em absolutamente nada, e detestavam falar primeiro, pois sempre os liquidava com uma mentira maior.

Os pontuais o consideravam pontualíssimo. Chegava sempre quinze minutos adiantado e ficava esperando para entrar na hora exata.

Os eternos atrasados, o detestavam. Pois nunca estava na hora combinada para nada e atrasava o compromisso de todos. Adorava comprar os tickets do teatro e dar carona para o amigo, garantindo o atraso naquilo que fosse especial



para o outro.

Era claro e direto com os objetivos, e cumpria tudo. Confuso e indefinido com os indecisos, e, depois de tudo acertado, trocava de opinião propositalmente para complicar.

As pessoas com boas qualidades o amavam, as outras o odiavam.

No final de sua vida era chamado de Mestre. Tama- nha havia sido sua contri- buição, provocando reflexões.

Na verdade, passara a vida ensinando as pessoas a se autoconhecerem.

**“...ESPANTOSA ERA A DIVERSI-
DADE DE OPINIÕES: UNS O
ACHAVAM EXTREMAMENTE
BEM EDUCADO, OUTROS O
CONSIDERAVAM GROSSEIRO,
ALGUNS REVERENCIAVAM SUA
CULTURA, OUTROS DESPRE-
ZAVAM SUA IGNORÂNCIA...”**

Sérgio Ribas (PR).

Perfil: Lysandro de Paula Santos Lima

Nascido em 19 de julho de 1906 e falecido em 12 de junho de 1982



Nosso primeiro encontro formal foi em janeiro de 1972, iniciando minhas lides hospitalares como acadêmico interno do Hospital Nossa Senhora das Graças, após renhido concurso. E tal qual ganso novo, garboso e altaneiro, me encontro no primeiro andar à procura das enfermarias de Clínica Médica, quando me deparo com o “velho Lysandro” (que não conhecia) procurando a sua turma de assistentes. Sem o reconhecer, pergunto-lhe aonde encontraria o Prof. Lysandro. Incontinenti me responde, com a voz rouca, que também procurava por ele. Interpretei como gozação. Soube posteriormente que neste dia retornava às suas atividades, após longa convalescença, depois de ter sido ressuscitado pelo Randas e Sheizi, seguido de cirurgia de “pontes de safena” pelo Prof. Zerbini, com direito a hemotórax e

acidente vascular encefálico. Apesar dos meus pendores iniciais pela cirurgia, iniciamos longa, prazerosa e educativa convivência, que determinaram a minha opção irreversível pela Clínica Médica.

Homem peculiar, nascido em Rio Negro, ingressou na faculdade de medicina do Paraná em 1924. No terceiro ano, solicita transferência para a Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no Rio de Janeiro, retornando à cidade natal em 1930, após término do curso com defesa de tese de doutoramento sobre tuberculose e gangrena pulmonar, aonde permaneceu em atividade por 15 anos praticando a arte médica em sua plenitude e em todas as suas especialidades, como autodidata e estudioso.

Rememorava com freqüência sua convivência com os luminares da época: Miguel Couto, Augusto Paulino, Leitão da Cunha, Clementino Fraga, Vieira Romeiro, Oscar Clarck e Carlos Chagas. Quando se referiam ao interior como motivo de retrocesso profissional, rebatia com a pergunta arguta: E lá não se tem serviço de correio e telégrafos? Apresentava pouca tolerância com a pobreza mental e com preconceitos.

Consciência crítica de sua época, com olhos no amanhã, otimista e sonhador, quase romântico.

Em Curitiba, reinicia suas atividades profissionais no Hospital Nossa Senhora das Graças, que serviu de hospital-escola até a inauguração do Hospital de Clínicas; em 1961. A docência em 1948, na cadeira de Terapêutica Clínica da UFPR; em 1951, catedrático interino de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da UFPR.

Personalidade intrigante e instigante. Intrigante por ser rígido em sua escala de valores, não transigia, suscitava nos circundantes próximos sentimentos viscerais de identificação e aderência ou de evitação, desalento e descarte. Polarizava

as opiniões e avaliações. Não havia meios-termos. Instigante porque era tremendamente provocador, mordaz e, por vezes, irônico. Estudioso compulsivo, daqueles que grifavam o texto com lápis colorido, de cabo a rabo, com direito a anotações nas bordas das páginas. Possuidor de cultura e saber médico organizado e sistematizado. Imbatível na prodigiosa memória, rememorando lições, textos, notas, acontecimentos, casos e causos. Quando insone, dizia, leio o "Testut" no original em francês, por ser texto romântico e balsâmico que embalava o sono.

Tinha manias e ritos. Privilégio de quem cristalizou o método na experiência e na vivência de 50 anos de janela, curtidos nas lições dos erros, que valorizava muito ou na prudência do bom senso, denominador de sua práxis. Todos os anos fazia questão que alguém lhe trouxesse a última edição do "PDR" (versão americana do DEF) e incorporava com denodo todas as informações científicas dos medicamentos, efeitos colaterais e principalmente as interações medicamentosas, que mereciam toda a atenção do professor. Ferrenho crítico da indústria farmacêutica quanto ao seu marketing, suas meias-verdades e embustes. Afirmava para cada nova turma de residentes e acadêmicos que necessário se fazia uma vacinação preventiva contra os interesses corporativos. Acolhia o material de propaganda com seriedade, estudava o conteúdo e posteriormente tecia críticas contundentes em nossa reunião clínica, acerca das "ultimamicinas", que omitissem informações importantes, que obtinha em outras fontes confiáveis.

Uma de suas prediletas manias era exercitar o método clínico à exaustão. Dissecar cada parágrafo do discurso, esmiuçar cada detalhe do exame físico e execrar o pedido irracional de exames complementares não comprometidos com a devida correlação clínica. Uma outra mania era pensar não "sifiliticamente", mas "tuberculosamente". Tudo que fosse atípico, apático ou inusitado, pensar em tuberculose; se necessário, sem pudor, prova terapêutica que considerava legítima e útil. Em casos febris prolongados, não esquecia febre tifóide.

Dos ritos diários - Levar para casa, no bolso do paletó, as fichas clínicas, datilografadas com 2 dedos numa velha "Royal", dos pacientes atendidos no consultório. Após o lanche, submetê-las à revisão crítica e complementar com observações a serem implementadas, por mais banais que tivessem sido os casos. Após este "round", tínhamos o segundo tempo com leitura e análise crítica de artigos e separatas de revistas, cuidadosamente selecionados ao longo da semana (vivíamos a época da xerox). Na continuidade, para não se perder o foco; leitura de clássicos – Ramond, Jimenez Dias, Maranon, Bauer, Dieulafoy e tantos outros da velha escola francesa ou espanhola, que traduziam a alma da clínica. Descrição detalhada dos sintomas e sinais, o caráter temporal evolutivo das enfermidades, detalhes que a literatura americana omitia ou sonegava. E quando a disposição permitia, findava-se a sessão de estudos com um exercício clínico do Massachusetts – versão espanhola no "El Dia Médico", argentino.

Nos seus ritos, prevalecia a imposição de vontades. Já como seu assistente e preceptor da residência em clínica médica, fui surpreendido após concurso ao preenchimento de vagas, com o nome dos aprovados já divulgados, com a ordem de reverter o processo e admitir duas diletas candidatas, com o argumento único e definitivo de que mereciam as vagas quem ainda não soubesse medicina o suficiente para exercê-la. E provocou o nosso primeiro entreviro. Evidentemente as indicadas tornaram-se residentes do serviço.

Elegia suas preferências, que durante anos eram nominados de "lilico-boys", com direito à frequência em sua espetacular biblioteca (e que biblioteca!), um espaço amplo no térreo para livros-textos e um sótão para os periódicos, todos encadernados, aonde a primeira edição do Lancet tinha lugar. Com direito a tutoria do mestre.

Com visão larga do mundo, transcendia seu tempo, mas pagou o preço de suas idéias, pensamentos e ações. O regime

"CONSCIÊNCIA CRÍTICA DE SUA ÉPOCA, COM OLHOS NO AMANHÃ, OTIMISTA E SONHADOR, QUASE ROMÂNTICO."

militar de 64 o penalizou, por ser um professor mau exemplo: não usava gravatas e tinha o péssimo hábito de conviver com o alunado. E o penalizou duplamente, promovendo o desterro de Amílcar Gigante, seu ungido sucessor, para Pelotas.

Foi subtraído da Clínica Médica e colocado no desvio da genética. O tiro saiu pela culatra. Freire Maia voltava dos Estados Unidos, e a genética saía da latência. E oxigenava idéias, fomentava o espírito investigativo, e o Prof. Lysandro, percebendo as tendências, embarcou neste entusiasmo renovador. Creio que tenha sido a semente daquilo que exercitava anacronicamente, que viria a ser a medicina baseada em evidências dos tempos atuais.

Algumas vezes o acompanhei a Guaraqueçaba, posto avançado da Genética, onde estudava os casos clínicos pré-selecionados pelas geneticistas (para quem não sabe, sítio genético ímpar, com alto índice de consangüinidade, dado ao isolamento em que ficaram por séculos). Fazia assistência médica e eu o acompanhava. Ali pude observar o que é ser médico, apesar da idade. Atendeu parturientes em partos difíceis. Realizou cirurgias que o ambiente permitia, num pequeno hospital da Marinha (naquela época era considerada área de segurança nacional), com a satisfação e entusiasmo de um recém-formado prenhe de boas intenções.

Tinha suas idiossincrasias e desavenças (fugazes e evanescentes) quando desacordavam em diagnóstico ou

condutas. Com as Irmãs de Caridade São Vicente de Paula, mantenedoras do Hospital, que nem sempre correspondiam aos seus desejos de espaço, recursos e reconhecimento, reclamando até o fim da vida que nunca tivera sequer um armário para guardar o paletó. Emblemático da impermanência,

instrumento estatutário que garantia aos patrões o controle de qualidade de seu corpo clínico. Mas após o rompante, serenava os ânimos e voltávamos à rotina.

Abominava burocracia – papéis a serem preenchidos eram provocadores de destemperança.

E no final de sua vida, o seu desencanto com a extinção dos serviços de “ não-pagantes” - eufemismo dos indigentes, pois a Constituição garantia a todos um novo “status”, de igualdade e de equanimidade.

Cultuava a medicina liberal como imperativo incontestado para a correta prática clínica e para a grandeza da própria profissão. Qual seria seu posicionamento nos dias atuais?

Sua época foi de médicos de estirpe com os quais convivi: Mario de Abreu, Helio Brandão, João Luis Bettega, Israil Cat, Dirceu Rodrigues, Zacarias Alves de Souza Filho, Felix do Rego Almeida, Daniel Egg, Giocondo V. Artigas, Brasílio Vicente de Castro, Atila Rocha, Hans Rücker, Gastão Pereira da Cunha, Eduardo Correa Lima, Afonso Coelho, Gilda Kasting, “nego” Braga, Paulo Barbosa, Réginis B. Prochmann, Paulo Franco de Oliveira (seu médico particular), Léo Choma, Enhrifried Wittig, Wadir Rupollo, Roaldo Koehler, Ayossur Jamur, Felipe Lerner, Acir Rachid... Alguns permanecem na linha de frente e tantos outros se retiraram na grandeza do anonimato, mas que moldaram o caráter e a postura de uma geração de médicos.

Infelizmente, escreveu pouco, documentou menos.

O velho Lysandro era um médico de cabeceira do leito, enrustido nas enfermarias, desafiando a sua intuição, o seu intelecto. De forma permanente buscava mais saber e o direcionava em prol do cuidar do paciente.

Repetia velhos chavões:

“Quem tem um médico, tem um médico, quem tem dois, tem meio médico; quem tem três, coitado, não tem nenhum” .

“Na medicina não se ganha dinheiro. Para se ganhar dinheiro tem que se ter talento para ganhar dinheiro”

“A medicina não é arte, não é ofício. A medicina é muito difícil” .

“Nunca aceite sociedade, principalmente com amigos. Aonde entra dinheiro, a amizade some; e o que é pior, perde-se o amigo” .

“O REGIME MILITAR DE 64 O PENALIZOU, POR SER UM PROFESSOR MAU EXEMPLO: NÃO USAVA GRAVATAS E TINHA O PÉSSIMO HÁBITO DE CONVIVER COM O ALUNADO.”

“Receita com mais de três medicamentos significa desconhecimento do diagnóstico”.

“Se você não meter o dedo lá, meterá a cabeça, a sua autoridade e a sua vergonha”.

“Abundância em medicina é sinônimo de pobreza”. Referia-se ao fato de que doença que tem muito tratamento é porque nenhum funciona bem.

Quando muito irritado, contrariado com as “sacanagens” dos outros, afirmava que estava no tempo de termos uma “epidemia de infartos”.

Repetia alguns do Osler: “Serão dez anos de pão com manteiga. Se for um vitorioso terá direito posterior a dez anos de bolo de laranjas e vinho do Porto. Se for especial, após os vinte anos iniciais, a caviar e champanhe.”

Por falar em champanhe, foi com a sua convivência que aprendi a tomar vinhos e, curiosamente, os vinhos que escolhia (nada sofisticado ou caro) eram de “bouquêt” inesquecíveis. Mesmo sendo alguns de garrafões. Combinava bem seus vinhos com frutas e queijos leves. E, no final da noite, um dedal de “Metaxa” 7 estrelas, para apaziguar os neurônios.

O que lembrar da sala de café, cenário de memoráveis reuniões dominicais, pauta livre, onde assuntos relevantes e banais eram igualmente analisados? E a visita às enfermarias, sempre atrasadas (não tinham fim, porque a cada recomeço, alguém chegava, interrupções e nova rodada de café)? Mas aprendi ali as verdadeiras lições de ética, amizade, fraternidade, solidariedade, compaixão, honestidade e seriedade. Tão presentes na pessoa do professor.

Honrou o seu juramento. Uma de suas marcas foi o total desapego ao mundo material. Nada sabia do valor do dinheiro. Não fazia a menor idéia do custo das coisas.

A sua inseparável Dona Lourdes, companheira de todas as horas, proveu a base sólida de sustentação para que se devotasse exclusivamente à medicina de forma absoluta e incondicional. Exultava de forma juvenil com qualquer atividade do “seu Lysandro”, fossem aulas, reunião, homenagem, solenidade; apoio irrestrito e companhia permanente. Aliás, era quem conduzia o mestre a todos os

lugares, porque ele não se dava ao trabalho de dirigir.

Dona Maria, sua irmã, era secretária e conselheira nos assuntos paralelos. Hábil nas trações cervicais que realizava durante o expediente do consultório e severa na cobrança de horários e abusos dos pacientes em revisões intermináveis. Eram atendidos somente três pacientes por tarde, além de duas a quatro revisões no início dos trabalhos. Significava que cada atendimento durava no mínimo uma hora

Teve o mérito de influenciar na formação de colegas que hoje

se destacam no mundo científico, na vida associativa e principalmente na comunidade. O Serviço de Clínica Médica do Hospital Nossa Senhora das Graças tinha as portas abertas a todos os colegas que procuravam alguma forma de reciclagem e atualização, principalmente os que retornavam do interior após alguns anos, e se fixavam na Capital. Até gerava conflitos com a direção clínica uma vez que o hospital era de corpo clínico fechado. Justificava afirmando que “pacientes não se desgastam com o estudo e, quanto mais cabeças pensantes, melhor a análise crítica”.

Quantos diagnósticos inimagináveis: tuberculose hepática primária a partir de um único achado, o do úraco palpável; de flebite tuberculosa de jugular; e de apendicite aguda em coto apendicular (apendicocotite). Luiz Fernando Rodriguez que o confirme. Após quatro semanas de padecimento, várias consultas, vários diagnósticos (ameboma, carcinoma, Crohn...), quatro enemas opacos, ida a São Paulo para enésima opinião e o remeteram para o “velho”. Este determinou imediata laparotomia com diagnóstico firmado. Reumatismo de Poncet, de espondilite blastomictótica e tantos outros.

Médico de médicos, não dava margem à “esmeraldite”. Ampliava a cautela, o excesso de zelo e a perspicácia.

Carismático, encantava os circundantes, alguns até lhe devotavam “status” mítico; sua fama corria solta. No entan-

“O VELHO LYSANDRO ERA UM MÉDICO DE CABECEIRA DO LEITO, ENRUSTIDO NAS ENFERMARIAS, DESAFIANDO A SUA INTUIÇÃO, O SEU INTELLECTO. DE FORMA PERMANENTE BUSCAVA MAIS SABER E O DIRECIONAVA EM PROL DO CUIDAR DO PACIENTE.”

to, era simples, descomplicado na maioria das vezes, indo direto ao ponto.

Exultava com as conquistas e destaques de seus alunos, mantendo comunicação ativa. Assim sabíamos dos feitos do time que estava fora, polindo ou adquirindo novos saberes e daqueles que em solo pátrio também se destacavam e se davam bem. Para o “velho”, o que valia era ter a intenção correta e saber ser. Era avesso às “curriculites”.

Sem esquecer a famosa “turma dos 15”, que após a cassação do Gigante, em 1964, paraninfo escolhido, por determinação da Reitoria impuseram novo eleito. Os “insurgentes” não compareceram à solenidade e colaram grau em ato reservado *a posteriori*, não aceitando a imposição do regime. Até hoje festejam em separado dos demais e mantêm-se unidos, numa espécie de confraria.

Como Diretor Clínico do Hospital de Clínicas da UFPR, após a anistia, retornou à convivência acadêmica formal. Resgatando-se em parte a dívida da Universidade para com este Professor com “P” maiúsculo. Somente pela presença diária e na convivência, pôde curar alguma feridas não cicatrizadas, outras não.

Jubilado, retorna ao seu ninho. Intensifica as atividades, com a transformação de estágio médico voluntário em residência médica oficial, reconhecida pela CNRM; mantendo também o programa de internato mediante concurso público no Hospital Nossa Senhora das Graças.

“...NO SEU LEITO DE MORTE, SEGREGA A UM AMIGO QUE NUNCA TINHA VISTO NINGUÉM ESCAPAR COM VIDA DA ENFERMIDADE QUE O ACOMETIA, FAZENDO O SEU PRÓPRIO PROGNÓSTICO SOMBRIO.”

Lacuna malpreenchida. Vivemos numa crise de bons exemplos e modelos.

Dr. César Kubiak (PR).

Em São Paulo, no seu leito de morte, segreda a um amigo que nunca tinha visto ninguém escapar com vida da enfermidade que o acometia, fazendo o seu próprio prognóstico sombrio.

Com o seu falecimento, muitos ficaram órfãos: amigos, pacientes, acadêmicos, médicos jovens e velhos.

PALAVRAS DE MESTRE

“A distinção que conta entre o animal e o homem não é a que ocorre entre o físico e o mental, que é apenas de grau relativo, mas a que há entre o orgânico e o social. Bach, se tivesse nascido no Congo e não na Saxônia, não teria produzido nem um mínimo fragmento de um coral ou de uma sonata, embora possamos ter certeza de que teria superado seus compatriotas em alguma forma de música”.
Alfred L. Kroeber,
em O Superorgânico.

PALAVRAS DE MÉDICO

Quando um paciente me pergunta “como posso me proteger de recomendações infundadas”, aconselho que pergunte ao médico ao recebê-las: “Como sabe?”
Dr^a Cynthia Ma, Mayo Clinic,
Apud Drauzio Varella, em Carta Capital n^o 444.

Pérolas em Nefrologia

1. Presença de cilindro hemático no sedimento urinário é patognomônico de doença glomerular.

2. Na maioria das vezes, o tratamento da hipertensão arterial só tem sucesso com o uso de 2 ou mais drogas. É melhor preferir a associação, usando doses menores de cada droga, para minimizar efeitos colaterais.

3. A perda de função renal é hoje, por si só, considerada um importante fator de risco para doença cardiovascular.

4. A manutenção dos níveis pressóricos em 110/70 na nefropatia diabética retarda de forma significativa a evolução da doença e a perda da função renal.

5. A proteinúria é considerada fator de progressão de doença renal. Na presença de proteinúria, indica-se o uso de inibidor de enzima de conversão da angiotensina e/ou bloqueador do receptor da angiotensina, na tentativa de diminuir a perda protéica urinária.

6. Fato comum encontrado em mulheres idosas: urocultura positiva em paciente assintomática. A bacteriúria assintomática não exige tratamento nessas circunstâncias.

7. A simples determinação da creatinina plasmática nem sempre dá idéia da real capacidade renal. Em pacientes idosos, com pouca massa muscular, pequeno aumento da creatinina no plasma já pode significar perda expressiva da função renal.



8. Desconfiar do diagnóstico de feocromocitoma se o paciente apresentar a tríade: cefaléia, palpitações e sudorese.

9. A pista para o diagnóstico de hiperaldosteronismo como causador de hipertensão arterial é o encontro de hipopotassemia em paciente que não faz uso de diurético.

10. Anemia e doença cardíaca, juntas, fazem lembrar nefropatia crônica.

11. Um marcador de doença renal por ateroembolismo pós procedimento endoarterial é a diminuição dos níveis da fração C3 do complemento no plasma.

12. Solução salina isotônica ainda é a melhor maneira de prevenir lesão renal por contraste radiológico.

13. Quando usar juntos um inibidor da ECA ou BRA com espironolactona não se esquecer de monitorar o potássio plasmático.

14. Hipercalciúria, associada ou não a hipocitratúria, é a causa mais comum de aparecimento de nefrolitíase recorrente.

15. Quando tratar hipertenso jovem, prefira IECA ou BRA associado ou não a betabloqueador. Em idosos, inibidor de canal de cálcio é uma boa opção.

16. Com o uso de novas drogas imunossupressoras como anticorpos monoclonais, a prevalência de rejeição celular aguda no pós transplante renal caiu para menos de 20%.

17. A CAPD (diálise peritoneal ambulatorial contínua) deve ser o tratamento de escolha para idosos portadores de doença cardiovascular grave, que necessitem tratamento renal substitutivo.

18. Hiperparatireoidismo secundário é complicação previsível de insuficiência renal crônica, mesmo em estádios iniciais da doença. A dosagem do PTH intacto no plasma faz diagnóstico.

19. A dieta hipoprotéica realmente diminui a velocidade de progressão da doença renal. O problema muitas vezes é o preço a ser pago: desnutrição crônica.

20. Noctúria é o sinal mais precoce da síndrome de insuficiência renal crônica.

21. O uso crônico de diurético tiazídico pode causar hiponatremia.

22. Edema perimaleolar aparece em 20% dos pacientes que tomam inibidor do canal de cálcio como tratamento para hipertensão arterial.

23. Uma simples dosagem de sódio em amostra isolada de urina pode ajudar muito no diagnóstico da insuficiência renal pré-renal.

24. Em pacientes que desenvolvem anúria pensar em uropatia obstrutiva, principalmente em idosos.

25. Síndrome do túnel carpiano é complicação tardia que ocorre em pacientes hemodialisados.

26. Deve-se afastar o diagnóstico de neoplasia de urotélio em pacientes com hematúria microscópica. Principalmente se forem fumantes.

27. Rim diminuído de volume, unilateralmente, em paciente hipertenso, pode significar hipertensão de origem renovascular.

28. Lombalgia de característica bilateral, a princípio não deve ser considerada como de origem renal.

29. A via parental é a maneira mais adequada de reposição de ferro como coadjuvante no tratamento da anemia do renal crônico.

30. Doença cardiovascular (IAM e AVE) e infecções são as principais causas de morte em pacientes renais crônicos.

31. "RIM" por último quem "RIM" melhor!

Dr. Hélio Vida (PR).

Pichador e grafiteiro: arte ou sujeira?

Indiscutivelmente, os conceitos de arte mudaram sensivelmente nas últimas décadas, mas, nem todos percebem, reconhecem e aceitam.

O uso da forma, expressão, técnica, exposição, valor, estética e material modificaram-se gradativamente no tempo. Saltos evolutivos rápidos, facilitados pela evolução da mídia dificultam a absorção, quando uma concepção logo sucede outra. Hoje, a inventividade e criatividade ocorrem mais facilmente. A apreciação é individualmente maior ou menor e decorre do conhecimento prévio do observador, pois, o fato subjetivo interfere significativamente.

O que é realmente uma obra de arte? Que elementos a definem ou a conceituam? A harmonia, o movimento, a estética são fundamentos.

Toda obra artística encerra sempre um valor objetivo e subjetivo na sua criação e encerra mensagem simbólica, representação talvez, de amor, esperança, crítica, raiva, satisfação, desejo, revolta ou simplesmente uma liberdade de expressão, exaltação do belo, um ideal, de um momento, uma divagação pelo prazer dos sentidos ou sentimentos para demarcar um pano de fundo.

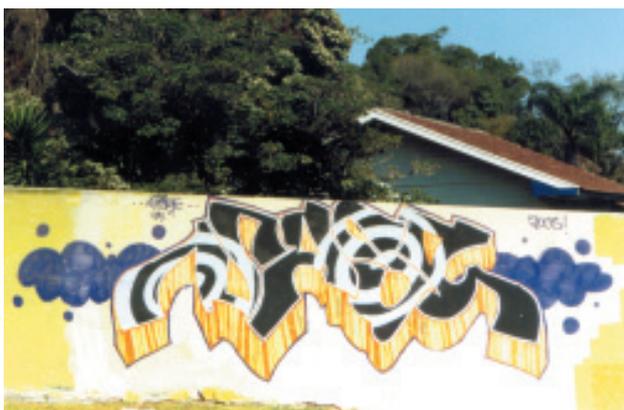
Hoje, nas grandes e médias cidades, é muito chocante



a visão nas paredes ou fachadas, a expressiva quantidade de desenhos, pinturas simbólicas espalhadas nas casas, monumentos, muros, com imagens pretas ou coloridas, de gosto discutível, com algumas poucas exceções.

O patrimônio público ou privado está invadido por obras simples, complexas ou elaboradas, as vezes agressivas. Monumentos históricos, religiosos, residências, hospitais, barracões, são enfeitados ou emporcalhados, depredados, depreciados em sua imagem estética, ofendendo o gosto e o prazer visual da cidade, especialmente, pela obrigatoriedade de vê-los sem autorização de exposição.

Esta linguagem expressada, escrita, rabiscada, pintada, pichada, grafitada ou desenhada, imposta e provocativa, na realidade tem um autor individual, de tribo ou gangue,





auto identificada pela repetição e reprodução das características do tema em vários territórios, conhecido entre eles.

Esses autores "spraytistas" vagueiam no silêncio e sussurro da noite, em qualquer madrugada como lobisomens da pintura, em busca de um espaço claro na escuridão, que

"É UMA FORMA POPULAR DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL, UMA TROCA DE IDÉIA, DE MENSAGEM, UMA MANEIRA DE TRADUZIR EMOÇÕES, SENTIMENTOS, VALORES, DE EXIGIR REFLEXÃO, DE PEDIR ATENÇÃO."

lhes permita expressar algo, que para a maioria dos observadores e transeuntes, é ininteligível, indecifrável e lhes irritam, especialmente pela invasão irregular, ilegal do espaço e da localização da expressão de imagens sem uma definição.

É uma forma popular de participação social, uma troca de idéia, de mensagem, uma maneira de traduzir emoções, sentimentos, valores, de exigir reflexão, de pedir atenção.

A irreverência da exposição, do protesto ou da mensagem

artística, é desrespeitosa para atingir um propósito não claramente estabelecido.

Esta popular atividade de aforar sentimentos - como fazem outros movimentos - manifestada com assinatura desenhada, querem com a pichação ou grafitação, divertir, agredir ou pedir socorro, para dizer que todos são artistas e precisam de oportunidade. Sonhos de jovens que talvez se sintam oprimidos de alguma forma.

O fenômeno marca a idéia, uma força nova, como os praticantes de skate, break, funk, hip hop, rap, teatro, em que a rua é o espaço cênico básico. Talvez, amanhã, começaremos a pintar as ruas.

É fundamental ocupar o espaço público, onde a diferença social se reduz, a luta por oportunidade é possível, a transformação do agrupamento é condição, a superação de problemas é uma alternativa, tentativa a uma vida regrada.

Devemos ver ou não como arte ou simplesmente um meio de mostrar-se presente. A circunstância, a forma desta





expressão é a novidade e a moda, mas, o local de exposição tem sido questionável, condenável pela ilegalidade do uso de espaço não autorizado, com poluição e vandalismo. Poderia ser de outra maneira.

Com esta arte popular, expressada nas edificações, do térreo aos altos andares, busca o autor possivelmente, na primazia do local e da altura, a sensação de prestígio, glória e poder entre os mortais.

Com o passar dos anos, o movimento inicial dos pichadores vem sofrendo transformações e dissidências, com a presença do colorido, de figuras mais concretas, mas, apenas no espaço térreo. São os grafiteiros, que já predominam sobre os pichadores e estão sedimentados no mundo.

A tinta sempre foi e permanece a da lata de spray, mais barata, mais fácil de manusear e rapidez de conclusão, necessária pela sombra da noite e presença de agentes de segurança pública.

Atualmente, novas tendências entram no mercado

concorrente, com o uso de tintas padrão, pintura em muros, autorizada ou contratada, como um misto conciliador de arte, publicidade e enfeite. Não parece, entretanto, que estes pichadores grafiteiros objetivem tornar-se um Dali, Glauco Bandeira ou Volpi. Ruim, grupos estão em nome de ONGs vendendo proteção antipichação. Imbecis, bandidos e inocentes estão presentes em todos os agrupamentos humanos.

A importância da evolução do fenômeno ainda é indefinida. Eu, ou você, que está vendo este fenômeno, o que pensa desta expressão de linguagem? Mais que só rejeitar, é bastante interessante refletir sobre o que possa representar esta modificação do padrão de comportamento, de expressão do espírito, como outras expressões populares.

“A IRREVERÊNCIA DA EXPOSIÇÃO, DO PROTESTO OU DA MENSAGEM ARTÍSTICA, É DESRESPEITOSA PARA ATINGIR UM PROPÓSITO NÃO CLARAMENTE ESTABELECIDO.”

Dr. Ehrenfried Wittig (PR).



Decálogo Axiomático do Dr. Felson



1. Você aprende aquilo que gosta; então aprenda a gostar daquilo que aprende.

2. Os princípios são tão importantes quanto os fatos. Se você domina os princípios, pode ordenar os fatos.

3. Você aprende melhor quando sabe suas metas. Se você não sabe onde está indo, diz o Talmud, todas as estradas o levarão lá. Mas se você souber o caminho chegará lá muito mais rápido.

4. Acompanhe seus casos. Eu tenho aprendido e lembrado mais acompanhando meus casos do que de qualquer outra maneira. O trabalho é duro, mas disse Confúcio: "Quem aprendeu mais foi aquele que trabalhou mais".

5. O aprendizado é como o sexo, melhor quando você está envolvido ativamente. Quando você ler alguma coisa responda ao autor. Seja cético. Não siga fielmente as autoridades ou você pode se transformar em um "pato, do nariz marrom"; ele pode voar tão rápido quanto o líder, mas não consegue parar com a mesma rapidez.

6. O reforço é essencial para a aquisição do conhecimento. Mas reforço não significa simples repetição; utilize algum outro método diferente daquele que você aprendeu. Observe um caso, pesquise-o, leia um artigo, procure um caso ou faça uma pergunta.

7. A recompensa é importante no aprendizado. Mostre o que você sabe. Fale sem hesitação na sala de aula. Fale para quem quer escutar.

8. Cada pessoa tem seu próprio método de aprendizado. Descubra o seu e apegue-se a ele, quer seja lendo, ouvindo, observando ou uma combinação desses métodos. Não dependa de ótimos professores, eles são tão raros quanto os ótimos alunos.

9. A recuperação rápida de informações já adquiridas é crucial. O computador é ideal, mas há outros bons métodos disponíveis. Crie o seu e mantenha-o atualizado.

10. Divida seu tempo de estudo em horário nobre, horário de trabalho e hora de dormir. Cada estudante tem seu próprio biorritmo, assim você tem que desenvolver seu próprio programa de estudo. Não assista televisão durante horário nobre e não leia nada sobre medicina na hora de dormir.

Felson, B. Humor in Medicine, 1989; RHA Inc., Cincinnati, Ohio. (adaptação)

O médico e o seu paciente

Tomografia, Ressonância Magnética, Cirurgia Cardíaca, Densitometria. Não existem dúvidas de que, neste século, e principalmente após a última Grande Guerra, a medicina tem acumulado conhecimentos, produzido inovações e afastado, sempre mais, o ser humano da doença, distanciando-o da morte.

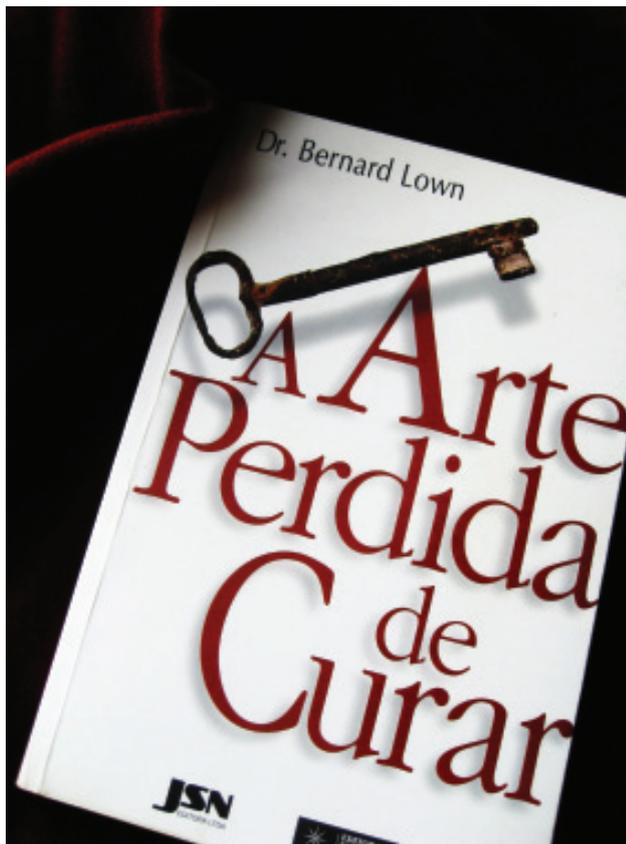
Este notável progresso não tem impedido que inquéritos opinativos, com preocupante frequência, revelem uma freqüente insatisfação da população, no que diz respeito aos serviços prestados pelos médicos. Esta situação é delicada, pois os motivos alegados, nestas pesquisas, não fazem alusão direta à incompetência dos doutores. Mas sim a outras questões como a dos atrasos, do desconforto da sala de espera, da antipatia da recepcionista, do telefone constantemente ocupado. Assim, o público leigo estabelece a sua avaliação. Algumas vezes permite-se ir além, questiona o resultado de um determinado tratamento.

Paradoxalmente, sabemos que, desde os primeiros contatos, os pacientes observam, sentem e, em sua intimidade e de alguma forma, avaliam quem os atende. Qualquer sintoma, seja objetivo (Eu Vejo) ou subjetivo (Eu Sinto), é vivenciado por cada pessoa de forma única, o que pode determinar desde a presença de leve ansiedade até as idéias de limitação, invalidez e morte. Portanto, é natural que sentimentos de insegurança e necessidade de apoio venham a surgir na pessoa que adoecer.

E na medicina, como a questão é tratada?

Ao primeiro olhar, poderá parecer que estamos preocupados com a possível impopularidade dos médicos e com quais possam ser os fatores que influenciariam a apazibilidade da interação entre médicos e seus clientes.

É evidente que, se os problemas do relacionamento médico-paciente se reduzissem ao ponto de tornar a relação entre os dois tão agradável quanto possível, teríamos de desconsiderar a sua real importância e o assunto seria, então,



tratado pelo senso comum e cortesia ordinária. Mas, quando devidamente focalizado, reconhecemos a sua imensa complexidade, pois médicos e pacientes não podem deixar de trazer para esse encontro um complicado jogo de fatores biológicos, forças psicológicas, antecedentes socioeconômicos, histórias familiares e as questões pertinentes ao sentido da própria existência.

Se os antepassados do médico foram os sacerdotes, os feiticeiros e os xamãs; a física, a química e a biologia transformaram estes senhores em praticantes das ciências, não existindo qualquer dúvida de que as ciências naturais conduziram efetivamente ao domínio de muitas doenças e ao considerável aumento da expectativa de vida, pelo exercício do diagnóstico e do tratamento.

As leis da física-química não nos auxiliam na compreensão de outra pessoa como indivíduo e membro de uma

comunidade, mas impropriamente têm ajudado a organizar uma tendência médica de se concentrar nas partes do que no todo. Passam os doutores a tratar o coração e os intestinos, ao invés da pessoa enferma. Estrutura-se de forma automática uma postura de unilateralidade, onde terapêutica, orientada para as partes, não poderá recuperar a saúde, mas disfarçarão ou substituirão os modos de adoecer.

Por outro lado, somos criaturas que buscam significados, pois biologicamente o nosso sistema nervoso central está organizado de tal maneira que o cérebro automaticamente agrupa, em configurações, os estímulos recebidos, onde o significado também proporciona um senso de competência; sentimo-nos desamparados e confusos perante escutas ao

acaso não padronizadas; buscamos ordená-las e, ao fazê-lo, obtemos um senso de controle sobre elas. O significado origina valores e, assim, um código de comportamento.

Já em 2001 fizemos referência à insatisfação da população em relação a certos procedimentos do médico. Insistimos. Além da perícia profissional e da cortesia comum, a maioria dos pacientes espera que seus médicos

tenham um interesse não apressado sobre as suas queixas.

O médico hesita reconhecer-se como ofensivo por mostrar-se com pressa, oferecer um tratamento baseado em regras de rotina, ser lacônico, concentrar-se exclusivamente nos sintomas e prestar informações incompletas, ou demasiado técnicas e complexas! Todas estas questões não deixam de ser predisposições ao fracasso.

Neste tipo de vínculo (unilateral) se estruturará uma relação de pouca confiabilidade. Semelhante à situação em que o televisor enguiça no período de garantia e o representante desconfia do uso pelo cliente e, este, que o fabricante, propositadamente, vendeu um produto defeituoso. Instala-se, com isso, um duelo que consumirá os dois. Deve

o paciente duelar? Mudar de médico? E a garantia?

Por um lado, os sentimentos (subjetivos) do paciente acerca de seu problema ou de sua doença se apresentarão nas consultas, quase em oposição absoluta ao senso objetivo do médico em sua estimativa da doença e projeto terapêutico. Médicos e pacientes têm também diferentes estilos de comunicação, diferentes expectativas, prioridades e crenças. Portanto, cada um exerce o seu respectivo papel. Baseados em diferenças que poderão vir a formar a estrutura para um relacionamento satisfatório e produtivo, ou, pleno de suspeita, frustração e desapontamento.

Não há como desconsiderar do modo como um determinado médico se comporta e, portanto, interage. Produz um impacto direto sobre as reações emocionais e até físicas do paciente, pois as palavras e os atos do médico têm um poder muito mais amplo do que se pensa, pois estarão sempre associados com a singularidade de sua autoridade e as reações de dependência que a doença normalmente produz no paciente.

O médico, quando se orienta pela exclusividade da manifestação sintomatológica, procurará colecionar, agrupar os sintomas quando ligados a uma causa comum ou optará pelo estabelecimento de conexões temporais quando as manifestações não forem comuns (da mesma coleção).

Sem dúvida, este é o triste jardim de concreto de uma imensa edificação denominada nosologia que, muitas vezes, cria no médico uma extrema dificuldade no atendimento da pessoa que sofre.

“Ninguém entra em contato com alguém sem formar alguma impressão desse alguém. E esse alguém obviamente também forma uma impressão de quem entra em contato com ele. Assim estamos permanentemente nos regulando pelo outro e o outro por nós.”

Estaremos sonhando com uma consulta médica, sempre substanciada por necessidades profissionais, e adjetivada por questões pessoais, que entenda a constante presença de dúvidas e que priorize a capacidade de tolerar as incertezas, como um pré-requisito, para o exercício desta difícil profissão?

Dr. Jaime Bieler (PR).

“...AS PALAVRAS E OS ATOS DO MÉDICO TÊM UM PODER MUITO MAIS AMPLO DO QUE SE PENSA, POIS ESTARÃO SEMPRE ASSOCIADOS COM A SINGULARIDADE DE SUA AUTORIDADE E AS REAÇÕES DE DEPENDÊNCIA QUE A DOENÇA NORMALMENTE PRODUZ NO PACIENTE.”

Iátricas

Letra e Música.

Prezada Fernanda,

Escrever não é um prazer, é um dever. Ler, sim, é um prazer, pelo menos para mim. E, criar, o prazer agregado. Explico-me.

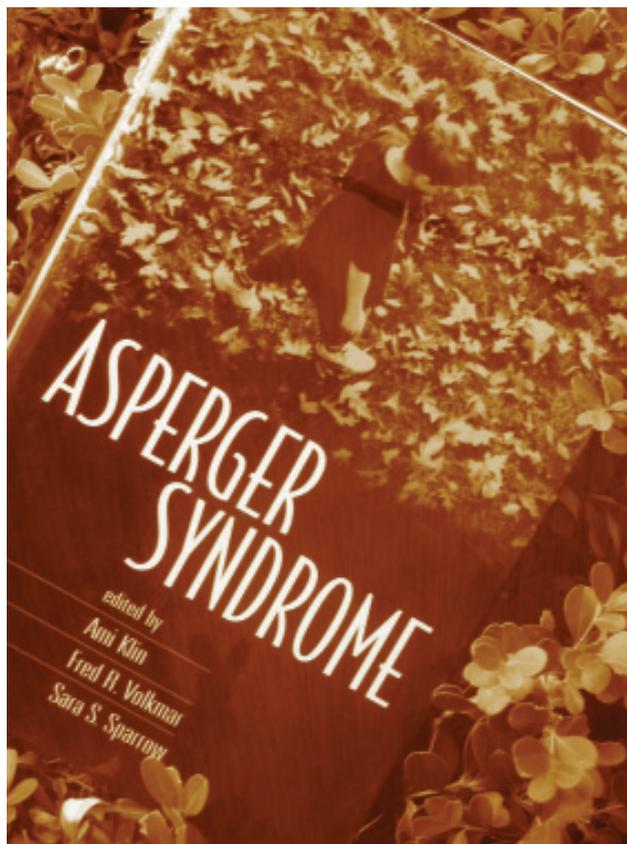
Se tiver que fazer um perfil de alguém que não conheci, vou tentar levar ao leitor aquilo que me parece ser a essência do perfilado. Claro que aí há uma arbitrariedade, a escolha das características; mas também um desejo, que o leitor retenha algo de essencial. Esse tipo de trabalho é como a maioria dos trabalhos, um dever. Demanda certos cuidados, um pouco de talento nas escolhas, e só. Dever. Principalmente com a veracidade possível.

Quando você escreve um ensaio, há que se ter conhecimento do assunto; mas também há que se estar livre para o seu exame de consciência, para não se subornar a si próprio. Isso já me dá, não prazer, mas um certo grau de desafio. Você pode olhar por ângulos insuspeitos aos outros.

Agora, quando você faz poesia, é o que sinto, envolve um grau de excitação intelectual que é muito bom, prazeroso. Você não sabe o que vai acontecer. As coisas brotam, às vezes prontas, outras vezes um simples delineamento a ser lapidado. Isso pode levar tempo. Tanto que um grande poeta dizia que não terminamos um poema. Simplesmente o abandonamos.

Então você vai me perguntar, por que não publica mais poesia? Por escrúpulo. É uma arte difícil. Deveríamos ter sempre alguém que a criticasse antes de ser publicada. E que fosse cruel na crítica. Aquela crueldade exigida pelo falecido Otto Lara Resende quando enviava algum de seus textos para análise do nosso Dalton Trevisan.

Contei aqui a história do Dr. Vanzolini, que deixou de



compor quando os amigos morreram. Os mesmos é que lhe davam os toques, faziam a crítica ou melhoravam certas partes. Porque sempre foi um grande letrista, mas um melodista intuitivo. E mesmo as letras careciam de crítica para serem ou não inteligíveis ao grande público. Seus amigos eram gente do povo, estavam mais em contato com o homem comum não letrado, e ele queria atingir essa parcela populacional, embora com qualidade.

Note então que para um jornalista, profissional da escrita ou um escritor, a escrita é um dever. Raramente um prazer. Para o poeta pode ser um prazer, geralmente nem é um profissional das letras. A maioria é diletante. Por isso, componho e guardo. Ou rasgo. Raramente me atrevo a liberação. E quando o faço é com certo constrangimento.

Lado contrário, penso que todos deveriam escrever. Para si próprios. Porque é uma excelente ferramenta para o autoconhecimento. A escrita pensada pode ajudar a superar conflitos.

Respondendo à sua segunda questão. A realidade nua e crua nos é esfregada na cara cotidianamente. Basta olhá-la, quanto mais observá-la. Para nós médicos, então, é um horror. E quando saímos da trincheira e estamos no recesso do lar – nada como um clichê —, a televisão se encarrega disso. Isto é, a barbárie está aí mesmo, nos acompanha onde estivermos. Por isso, prefiro pescar pérolas, sem ser alienado. Ir em busca do sublime, tão raro como você sabe. E, surpreendentemente, é nessa realidade que o encontramos. Basta um pouco de talento e sensibilidade. Abraços.

Onde a distinção?

Prezada Mônica,

Não era mesmo para ter um artigo com a chamada da capa. Um dos conceitos subjacentes à última edição consistia em que o leitor, depois de ler todo volume, fizesse sua própria distinção do que é ser uma personalidade, entre as várias apresentadas; quais os traços mais distintivos dessa maneira própria de ser e aparecer. Tão particular e marcante, para o bem e o mal.

Quando na matéria sobre Caravaggio colocamos uma interrogação em “Grandeza Humana?” foi para advertir que o bem e o mal nunca estão separados, às vezes dependem unicamente do ângulo apreciado e isso faz carecer uma vigilância persistente. E também retornar àquela frase famosa de que é possível florescer a partir do estrume, embora estrume.

De nossa parte não escamoteamos jamais a realidade, é nela que operamos. E sabemos também, como La Rochefoucauld, que frequentemente faz-se o bem para se poder impunemente fazer o mal. Ou indo mais fundo, lembrando a advertência do ato I de Macbeth: “*Fair is foul, and foul is fair*”. Aliás, o Gênesis, 3/5, já pontificava que,

como Deus, seríamos conhecedores do bem e do mal. Portanto, é nossa obrigação reconhecê-los, sem sermos maniqueístas, pois nada se consegue separar tão bem. Obrigado e grato.

Renascer a cada dia!

Beatriz, Beatriz,

A rima é fácil mas é você quem diz, por que a vida por um triz? Tudo morre e renasce no próprio dia, uma parte é menor, mas é o todo que condiz. Ouça a voz fragmentada do poeta inteirando seu nictêmero:

“Todo todo é menor que a menor parte,
muitos mundos cabem numa avelã.
Não há dia que não morra numa tarde,
nem noite que não se acabe em manhã.”

Renascer dos suplícios é preciso. Inventá-los, impreciso! Mude o lado do disco (é preto e vinil) e cante: “A sorrir/ eu pretendo/ levar a vida.” Estranhamento e reconhecimento é o que o látrico pode oferecer intelectualmente; é nosso tipo de auto-ajuda, Bia. Tire a máscara de si própria e dê a volta por cima. Sozinha e inteira.

Paciência

Prezada Viviane,

Se fosse eleger a virtude maior do profissional da medicina, como dizes, daquele que lida com pacientes, priorizaria a paciência. Sabe-mo-la maior quando nada há a remediar. Mas útil sempre. Até a elegeria como fórmula profissional, imitando Kafka que a elegeu, como fórmula de vida em seu diário íntimo: “Há dois pecados humanos capitais, dos quais todos os outros decorrem: a impaciência e a preguiça. Por causa de sua impaciência, foi o homem expulso do Paraíso. Por causa de sua preguiça, a ele não retornou. Talvez não exista senão um pecado capital, a impaciência. Por causa da impaciência, foi o homem expulso,

por causa dela não consegue voltar. Tenhamos paciência – uma longa, interminável paciência – e tudo nos será dado por acréscimo”. Por exemplo, conheces algum bom clínico que não a tenha? Paciência, menina!

Autodidatismo

Prezada Beth,

Prezo seu autodidatismo porque implica sempre em esforço e disciplina. Eu mesmo em muitas coisas fui autodidata. Mas temos que convir que é autolimitante.

Uma instrução formal nos dá uma concepção de mundo muito mais abrangente do que nossas limitadas opiniões, atitudes, interesses ou pressupostos. A grande vantagem na instrução formal é que nos livra de nossas limitações. Sem a mesma seremos no máximo semi-instruídos. Há sempre exceções a essa regra, claro, cito-te uma: Millôr Fernandes.

Então, qual o risco que corre o autodidata? Como sua instrução fica limitada aos seus interesses, deduzir, do próprio desconhecimento de uma coisa, a inexistência da coisa. Em latim, prezada Beth, fica pomposo: *“argumentum ad ignorantiam”*.

Continue com seus esforços, lhe dão dividendos intelectuais, mas troque-os sempre com outras pessoas, ficará mais balizada. Poucos conseguem ser uma ilha. Saudações acadêmicas.

Pedra

Prezada Irene,

Nunca espere lealdade ou fidelidade por parte dos pacientes. São volúveis. É da essência do humano, por isso os gregos apreciavam tanto a gratidão. Devemos fazer o melhor de nós em competência e bondade dentro de nossas circunstâncias, isso é civilizatório. Mas não podemos esquecer as palavras de Augusto dos Anjos: “Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, a mão que afaga é a mesma que apedreja”.

Timidez e Comunicação

Prezado Bruno,

Tive um professor, Arnaldo Moura, que gostava de repetir a frase do político Disraeli: “A natureza nos deu dois ouvidos mas uma só boca”. Quieto, observador e tímido, Arnaldo sabia a importância de escutar mais do que falar. Era um racionalista, tinha horror a abobrinhas. Esse distanciamento crítico fazia com que, às vezes, parecesse arrogante. Que, aliás, é a aparência de todos os tímidos. Quer dizer, além do desconforto da timidez, ainda pagam por uma equivocada avaliação social. O “verdadeiro” Arnaldo aparecia quando em “petit comitê”, entre amigos, quando soltava o verbo e a verve. Cito isto porque entendo a sua dificuldade, tímido que és. O tímido está condenado a ser um observador que, como sabes, é mais do que ver; é a visão treinada. E esse pode ser o grande mérito do tímido. Citei um grande, o professor Arnaldo Moura, e cito outro, de grande dimensão nacional, Mário Rigatto.

Certa vez convidamos Mário para uma conferência. Depois de uma apresentação notável pela sua expressão lingüística, fui levá-lo ao hotel onde se hospedava. No caminho me confidenciou sua timidez e o fato de ter desenvolvido a mestria de falar em público, de lidar com uma platéia, para vencer sua timidez. Tanto que só conseguia fazê-lo quando tinha um *script*, um roteiro mental. Tinha, pois, dificuldade para improvisar.

Como vês, prezado Bruno, citei dois professores que eram tímidos, foram grandes porque além do brilhantismo intelectual tinham a força da comunicação. Conseguiram, com esforço, superar suas dificuldades. E se aprenderam a ouvir, antes de falar, ainda sabiam, como o marquês, que é preciso ter um ouvido para o presente e outro para o ausente. Se isso é válido na interlocução, muito mais na leitura e na visão científica quando ouvidos e olhos têm que se multiplicar na busca das melhores evidências e do que seja mais factível à prática médica. Portanto, vai à luta. Os empecilhos existem para temperar o aço. Até!

Razões de Viver



atual que criaram, e das dificuldades da mulher se inserir nesse mundo. Falava sobre a instabilidade atual das formas de vida que se dissolvem, como se diluíram as crenças. Sim, porque as formas de vida "são o aspecto externo das crenças básicas que alimentam nosso mundo e nos afiançam o que podemos esperar dele. O homem vive de crédito, o mundo não passa de um vasto sistema de créditos, e os fundos que garantem esse crédito são as crenças". Quer dizer, as crenças se confundem com a própria realidade.

Minha mãe morreu. Morreu enquanto eu proferia uma conferência em um congresso. Enquanto elogiava qualidades femininas sem saber que, involuntariamente, a homenageava. Morreu muito. Como morrem muito as pessoas com graves enfermidades que, mesmo bemcuidadas, como ela o foi, sobrevivem semanas a fio, com suporte, vias e fios.

Teve boas razões de viver a despeito de seu semi-analfabetismo e simplicidade.

"AS FORMAS RELIGIOSAS SE CORROMPERAM EM FALSOS PROFETAS E FALSOS CREDOS; O SAGRADO SE DESNUDOU E PERDEU VALOR FACE À SUA MERCANTILIZAÇÃO."

Viveu o mundo encasulado de uma família. O mundo externo só tinha importância quando adentrava seu círculo familiar. Ainda assim foi muito querida. Por quê? Porque criava poemas em sua cozinha e fazia do acolhimento seu sentido de vida.

Mas dizia que eu falava a conferentes e falava de mulheres. Não é bem assim; falava de humanos, do mundo

Nós, médicos, sabemos bem o que isso representa. Somos obrigados precocemente a reavaliar nossas crenças e a amalgamá-las com provas. Há poucas provas. Por isso, somos impelidos a harmonizar crenças pretéritas em que nos formamos com as provas vigentes, o que sempre é conflitivo. E resolver essa dualidade com equilíbrio. Resolver de maneira ativa e permanente, o que implica esforço constante, revisões periódicas, sem abandonar o equilíbrio necessário. Esforço esse que as massas por impossibilidade, imediatismo e por falta de padrões claros, no passado visíveis e bem distintos, não seguem.

Considerem a humanidade há um século, na passagem do mesmo, num período que se estendeu à primeira guerra mundial. Chamamos *belle époque*. Porque o mundo enriquecia, e ventos amenos de doçura e de alegria de viver refrescavam a segurança vital em que os humanos se sentiam. Não importava o fato de viverem metade do que vivemos hoje, o importante é que se sentiam seguros nas

suas formas de vida. Senão vejamos.

As unidades típicas das formas históricas eram as nações, bem delineadas e diferenciadas, embora pudessem haver rebuliços no seu entorno. Hoje as fronteiras se tornam indistintas com a formação de grandes blocos. Ou conflitivas, por bloqueios socioeconômicos. Nas formas sociais há uma promiscuidade entre o público e o privado que desintegra o tecido dos estados. E o núcleo familiar em franca dissolução. Médicos americanos começam a fazer treinamento para lidar com formas de famílias múltiplas. Notem que não estamos fazendo juízo de valor, apenas notificando mudanças. Nas formas jurídicas, não se delineiam o futuro do direito de propriedade e do direito adquirido. Nas formas políticas, o socialismo implodiu por defeito inato; o capitalismo, com o codinome de Estados liberais, sofre de vários sentimentos de culpa, e a social democracia, também chamada de via intermediária, não se agüenta nas próprias pernas, vide a França atual, sendo exceção os nórdicos. A globalização está criando a mesmice, não havendo novas soluções à vista. As formas religiosas se corromperam em falsos profetas e falsos credos; o sagrado se desnudou e perdeu valor face à sua mercantilização. A religião começou a ser vivida basicamente como angústia. Nas formas sexuais o masculino e o feminino estão se dissolvendo na indiferenciação. Passamos a viver o polimorfismo sexual. As formas de lazer, que eram criadas sem custo em qualquer terreno baldio, foram contaminadas pelo dinheiro, propaganda, regulamentações e violência. As regras do jogo são exercidas pelos mais poderosos. As formas artísticas perderam seus parâmetros; hoje tudo é “arte”. Qualquer um tem o direito politicamente correto de fazer arte. Então uma perguntinha simples: das músicas que se compõem hoje, qual delas será tocada daqui trinta anos? Certamente poucas, se alguma. Por derradeiro, as boas maneiras. Bem, essas foram para as cucuias. Quando me

formei, sempre que encontrava um médico num corredor de hospital, mesmo que desconhecido, dizia: — bom dia, doutor! E era redargüido. Hoje, passamos batidos. A polidez se aposentou; logo a que não teria direito, por obrigação perpétua.

Ao somatório do que escrevi se une a violência. E estamos, ao contrário da *belle époque*, num mundo de insegurança, de brutalidade. Os valores borrados, a moral afrouxada, a linguagem tati-bitate, o ambiente poluído, os ideais sumidos, e a cultura rarefeita.

O que causou esse colapso das formas? A massificação e a tecnologia. Em princípio nada contra, podem ser coisas boas. Mas a maneira como se disseminaram e são usadas estão gerando o caos.

Antigamente, minha diletta leitora, sua funcionária doméstica não lhe invejava a roupa; invejava a da vizinha de bairro; esse era seu parâmetro de conquista. E sabia que tinha que lutar, progredir nas habilidades específicas, para se tornar mais valiosa e ascender na escala social. Hoje, o filho dessa mesma funcionária, via sociedade de consumo, quer porque quer o tênis NIKE de seiscentos reais. E os limites, sempre tão necessários em qualquer sociedade, ficam difíceis de ser estabelecidos. Não raro, vias tortuosas fazem adquiri-lo.

A massificação, na verdade, nivela por baixo. Para que criar belezas simples, mas eternas, como: “queixo-me às rosas/ mas que bobagem/ as rosas não falam/ simplesmente as rosas exalam/ o perfume que roubam de ti”; se posso balançar o corpo com as mãos na genitália e falar um monte

“...ESTAMOS, AO CONTRÁRIO DA BELLE ÉPOQUE, NUM MUNDO DE INSEGURANÇA, DE BRUTALIDADE. OS VALORES BORRADOS, A MORAL AFROUXADA, A LINGUAGEM TATIBITATE, O AMBIENTE POLUÍDO, OS IDEAIS SUMIDOS, E A CULTURA RAREFEITA.”

de grosserias? E como o ritmo é contagiante, lá estamos nós nos balançando ao som da chulice.

Há alguns anos foi editado no Brasil o Nome da Rosa do Umberto Eco. Ficou acessível à massa em edição popular. Todos correram a comprar. Sucesso editorial. Era chique tê-lo na estante. Quem o leu? E se leu quem foi além do começo? Indo além quem entendeu? Poucos. Porque exigia uma base de conhecimentos e referências para ser lido com proveito e prazer. Obviamente poucos tinham. A massificação falha porque entrega o que não é da pessoa, por inatingível. O que é supérfluo ao seu estágio de desenvolvimento. Ou supérfluo por irrelevante, o que é mais comum.

E a tecnologia? Ora, quem iria contra. Mas avança na velocidade impossível do humano. Cria saturações e excrescências. O celular fez do comunismo uma piada. Jamais com antecedência se imaginou que um artefato desses se universalizasse à base da pirâmide social. E quem paga a conta de crianças e adolescentes usando-o sem necessidade, por lazer? Ah, a tecnologia, essa coisa extraordinária que aos olhos de quem não a entende, as massas, parece mágica.

“É ESSE MUNDO DE FORMAS DE VIDA CADUCAS QUE ESTAMOS ENTREGANDO ÀS MULHERES MÉDICAS. ELAS QUE GALGARAM LENTAMENTE E COM MUITO ESFORÇO A PIRÂMIDE SOCIAL SE VÊM AGORA COMPETINDO NUM MUNDO INDISTINTO, ONDE PREDOMINAM INCERTEZAS.”

E todos a querem mesmo quando desnecessária. No caso médico serve à pesquisa, e muito ao diagnóstico e à cura. Mas se usada desnecessariamente, por via torta e sem mestria, pode matar. E sabemos, quanto mais invasivos, com ou sem tecnologia, nos tornamos mais responsáveis. E essa responsabilidade se dilui cada vez

mais. Cada vez mais damos preferência ao científico-tecnológico menosprezando o ético-humanístico. Sem percebermos que a solução está na associação. O que é

mais do que uma rima.

É esse mundo de formas de vida caducas que estamos entregando às mulheres médicas. Elas que galgaram lentamente e com muito esforço a pirâmide social se vêm agora competindo num mundo indistinto, onde predominam incertezas. Além de competir com a racionalidade, a objetividade, e a rudeza masculinas, não têm no seu horizonte regras claras onde possam usar sua dedicação, delicadeza, detalhismo, sentimentalismo.

Esta última palavra, no entanto, me faz evocar a possível solução. Educação sentimental. E não pensem, lá vem o último dos românticos! A educação sentimental aperfeiçoa a pessoa (e é na pessoalidade que exercemos nossa vida) para a bondade, a amizade, o amor, em todas as suas diversas formas, inclusive a intersexual. Desbasta as paixões, sem suprimi-las; expande os sentidos, para acurá-los; e ainda refina o diálogo com nossos irmãos. Se a vida é a convivência de contrários, e o é, ajuda na compreensão dos contrários.

E tudo isso me leva ao preito involuntário que fazia. Sim, minha mãe morreu muito. Mas enquanto viveu, também viveu muito, porque teve boas razões de viver. Simples e encasulada, fez o melhor possível dentro de sua circunstância e para seus circunstantes. Militou em toda a experiência doméstica com denodo e carinho. Os seus acolhidos e comensais são prova disso. Não pode cultivar o mundo externo. Mas quis dotar o filho com essa possibilidade. Dotou-o com genética e educação sentimental. E são parte de minhas razões de viver, tentar entender. E levar aos outros um pouco desse entendimento. Por isso falava, enquanto ela morria. Outro fosse o cenário, teria sorrido e lacrimejado, como sempre fazia quando emocionada. *Requiescat in pace*, nobre senhora do mundo interno. ●

Nota: O autor agradece ao grande ensaísta Gilberto de Mello Kujawski o decalque de muitas idéias.



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

www.crmpr.org.br